

ILUSTRAÇÃO



4.º ANO
N.º 81

Lisboa, 1 de Maio de 1929

PREÇO

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Veramon

Schering



O mal estar proprio da mulher alcanca com frequencia, especialmente nas mulheres delicadas e muito sensiveis, um grau verdadeiramente atormentador. Não só as incapacita para cumprir com as exigencias da vida diaria, mas ainda, pela sua repetição terminam taes incomodos por intristecer o seu animo. Consulte a seu medico. Elle lhe dirá se esses incomodos são originados por uma sensibilidade nervosa aumentada. O Veramon da casa Schering de Berlin faz desaparecer o mal estar, tomando um comprimido de 2 em 2 ou de 3 em 3 horas sem produzir efectos nocivos. Adquira V.Ex* um tubo de 10 e 20 comprimidos e convencer-se-ha d'isso.

693616



A ALEGRIA DAS CRIANÇAS



A SAUDE DO VOSSO BÉBÉ exige que sejais severa na escolha do seu leite. Quando ha falta de leite materno, deveis evitar de dar ao vosso filhinho leite fresco que quasi sempre é de qualidade duvidosa, cheio de micróbios e outras impurezas. A fervura diminui consideravelmente o seu valor nutritivo, pois destroi as preciosas vitaminas tão necessarias ao desenvolvimento da criança. Adotai sem hesitar o melhor dos leites, o

LEITE CONDENSADO AÇUCARADO MARCA «MOÇA»

PURÍSSIMO, RICO EM CREME E EM VITAMINAS. É O ALIMENTO IDEAL, O QUE MELHOR SUBSTITUI O LEITE MATERNO

PREPARAI O VOSSO BÉBÉ AO DESMAME. Fazê-lo bruscamente é expor a criança a graves perigos. Por isso todos os pediatras recomendam que se faça o desmame progressivamente, juntando às mamadeiras de leite papinhas de farinha fortemente lacteada e cuidadosamente malteada. Substitui uma, depois duas e três mamadeiras de leite por uma papinha de

FARINHA LACTEA «NESTLÉ»

RICA EM LEITE E VITAMINAS, CUIDADOSAMENTE DOSEADA E MALTEADA

É assim a melhor maneira de desmamar sem perigo o vosso bebé.

PEÇAM UMA AMOSTRA A

Filial em Portugal da

NESTLÉ & ANGLO-SWISS CONDENSED MILK CO.

Rua Ivens, 11-13 — LISBOA

Chrysler

O AUTOMOVEL DE INCOMPARAVEL VALOR...
O NOME DE INDISCUTIVEL GARANTIA...

PARIS PARA AS MODAS!...

CHRYSLER PARA OS AUTOMOVEIS!...

AGENTE GERAL
A. BEAUVALET
Rua 1.º de Dezembro
LISBOA

DISTRIBUIDOR NO NORTE
ANGEL BEAUVALET
Rua de Santa Catharina
PORTO

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: *MADAME CAMPOS*

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA

Os Dentifricios de **GELLÉ FRÈRES** PARIS



Conservam-lhe:
Uma maravilhosa
dentadura.
A beleza de sorriso.
A brancura dos dentes.
O alito perfumado.

Eles lhe darão tudo isto.
Não queira outros.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C.ª Lda. 119, RUA DA MADALENA LISBOA

Os poços mortiferos! As imitações!



Desconfie da água dos
poços e das imitações.

Use apenas os

LITHINÉS & D. GUSTIN

que vos darão uma água deliciosa, pura ou com
vinho. Soberanos contra afecções do **figado**,
estomago e **beziga**. Desconfie das imita-
ções e exigi a marca do **Dr. Gustin**, á venda
nas Farmacias.



Os Soberanos do Organismo!

O estomago, o figado e o intestino dominam
soberanamente no nosso organismo. Assegurae-
lhes o seu funcionamento normal tomando todos
os dias um pouco de ENO's "Fruit Salt",
laxativo muito suave e puro, não contendo nem
sal mineral purgativo, nem açúcar.

O ENO preserva-nos das enxaquecas, das azias e
da prisão de ventre, origem de tantas doenças.
Todos podem tomar o ENO sem receio; meio
seculo de sucessos são sufficiente garantia da sua
eficácia.

Uma colher das de café num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & C.ª LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

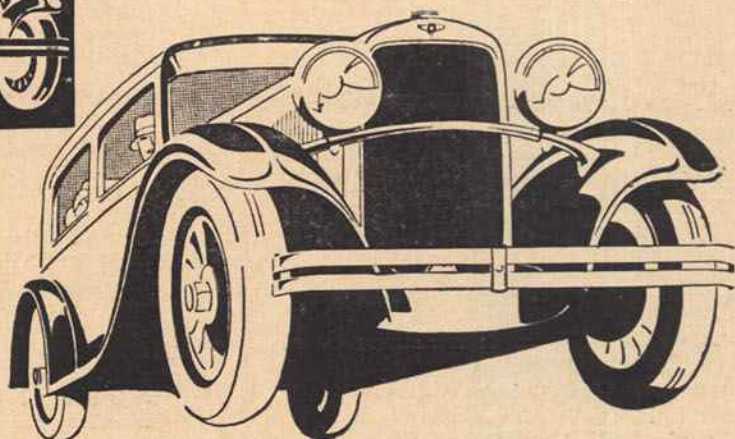
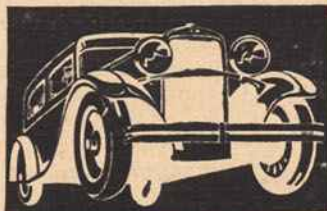
As polveras "Fruit Salt" - "Sal de
Fructa" e "Eno", assim como o retulo,
são marcas da fabrica registadas.

SAL de FRUCTA

ENO

"FRUIT SALT"

SILENCIOSO QUAL UM FANTASMA-



RIGIDO-ESPAÇOSO!

Que velocidade n'esta machina poderosa—que velocidade tornada suave e silenciosa devido aos seis cylindros e ás sete chumaceiras do seu veio de manivela. Que segurança—segurança infallivel n'aquelles freios hydraulicos de acção suave e instantanea. E que socego e conforto—tal qual até hoje nunca tereis sentido—n'aquella caixa de carro, systema "mono-peça" (n'uma só peça) dos fabricantes Dodge Brothers. A caixa de carro "Mono-peça" é com effeito construida d'um modo inteiramente novo. Não tem juntas e é feita de aço sem soldadura. Rigida e construida no proprio chassis. Depois de ter percorrido m lhares de kilometros por estradas toscas e escabrosas a caixa de carro "mono-peça" achar-se-ha tão silenciosa e firme como quando era nova. A casa Dodge Brothers tem construido muitos carros fortes e de confiança reconhecida, mas nunca antes conseguira ella construir um que fôra tão quieto, tão forte e tão duradouro como este carro novo conhecido sob o nome de Dodge Brothers Seis.

**PROVAI HOJE
MESMO ESTE
NOVO CARRO**

DODGE BROTHERS SEIS

BERNARDINO CORREA & CIA, 1 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

DODGE BROTHERS' CARS, DIVISION OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN

SALÃO DE PRIMAVERA

DA ELEGANCIA FEMININA, ARTES INDUSTRIAIS E DECORATIVAS, NO PALACIO DE CRISTAL DO PORTO

Sob o patrocínio dos organismos económicos do Norte e promovido por *ILUSTRAÇÃO* e *EVA* com o apoio do *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* e *MAGAZINE BERTRAND*

O MAIOR ÊXITO ECONÓMICO, PUBLICITÁRIO E ARTÍSTICO
ABRIU EM 25 DE ABRIL

As casas que tomam parte neste grandioso certame são:

GRANDE BAZAR DO PORTO LTD. (LISBOA-PORTO), representantes da colossal marca de gramofones e discos HIS MASTER'S VOICE.

SANTOS & JÚLIO, COSTUREIROS, criadores de Modas — (R. Nova do Almada — LISBOA).

HENRI MANUEL (Fotógrafo de Arte, Moda e Elegâncias) — PARIS.

FABRICA DOS TAPETES DE BEIRIZ — A maravilhosa indústria artística de D. Hilda Brandão de Miranda e Carlos de Miranda.

SOCIEDADE DOS VINHOS BORGES & IRMÃO — De fama mundial, porque «os Vinhos Borges... são Vinhos»...

TATA — «Chapelier en Vogue» — Medalha de ouro do «Salão de Outono».

NALLY — Os reputados perfumistas, bem conhecidos da alta elegância.

A POMPADOUR — Fábrica de espartilhos e cintas — Chiado, LISBOA.

ALINANDA — Que expõe o livro «Arte de bem comer», ao qual está reservado um grande sucesso.

CHAMPAGNE PIPER-HEIDSIECK — Reims — «Grandes licores Rocher Frères» — «Cognac E. Remy Martin & C.» — reputadíssimas marcas de que é representante, em Portugal e Colónias, João Alves de Matos, rua dos Fanqueiros, 277 — LISBOA.

POLYDOR — «O super-gramofone alemão», uma verdadeira maravilha — Agentes gerais — Galeria das Novidades, L.^{da} — PORTO.

“EMPRESA ELECTRO-CERÂMICA”, de Vila Nova de Gaia, a maior fábrica da península de porcelanas para uso doméstico e efeitos eléctricos.

AZEITE SANTA CRUZ, admirável produção da firma Simões, Irmão & C.^a Ltd.^a, das Devezas — Vila Nova de Gaia, com venda a retalho na Rua do Almada, 181 — PORTO.

“O PRIMEIRO DE JANEIRO” o grande jornal do norte, com as suas edições.

SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE, A. E. G., a marca de fama em artigos eléctricos, maquinaria eléctrica, luz. LISBOA — PORTO.

JOÃO ANJOS — O afamado medalhista, cinzelador e esmaltador; especialista em condecorações e effigies sagradas. — LISBOA.

DOMINGOS FERNANDES & C., grande fábrica de malhas da rua dos Wanzelleres — PORTO, com as suas criações em Novidades de luxo, vestidos, malhas de seda, camisolos com lavores, etc.

CASTELO LOPES LTD., com os seus surpreendentes gramofones e discos da grande marca **PATHE**.

LITOGRAFIA NACIONAL — Que expõe os seus maravilhosos trabalhos gráficos e a sua soberba colectânea *Monumentos de Portugal*.

SOCIEDADE DOS PRODUTOS INDUSTRIAIS, L.^{da} (RADIO-PORTO) — A grande casa semfiesta emissora, artigos da especialidade.

SIMÕES & C. — A maior fábrica da península em malhas de luxo, criadores de afamadas meias de seda, superando as estrangeiras.

EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE —

Com as suas edições populares, de luxo e de ensinamento técnico.

AILLAUD LTD. — (Livrarias Aillaud e Bertrand) — Com edições de luxo, a par do melhor do mundo em arte gráfica.

ACH. BRITO — PORTO — A grande fábrica de perfumes portuense — Sabonetes — Essências, etc.

SOCIEDADE COMERCIAL PHILIPS PORTUGUESA — Representante da marca de fama «Philips», «récord» da fabricação de aparelhos de T. S. F., lâmpadas, etc. — LISBOA e PORTO.

FABRICAS DO RIO VIZELA — Produção de tecidos nacionais — Grandes instalações permitindo a fabricação de toda a classe de tecidos finos.

PERFUMES “COURAÇA” — Um nome acreditado e celebrado há muito, com inteira justiça, em Portugal e no Brasil — Apresentação das suas últimas criações em perfumaria de luxo.

JORNAL DE NOTÍCIAS — Grande diário do Norte, com as suas publicações e edições.

MANUEL PINTO DE AZEVEDO — Grande industrial português com as suas sedarias e tecidos de luxo das magníficas fábricas da Senhora da Hora e Arcosa.

COMPANHIA AGRICOLA E COMERCIAL DOS VINHOS DO PORTO, possuidores e vendedores dos afamados vinhos da marca *Ferreirinha*, da Régua.

CERESIT — Materiais de decoração e construção, produtos de alta novidade e moderníssimos — Importador exclusivo, J. Bielmann Sucessor.

“THE MODERN OFFICE”, que organizou um belo serviço de vigilância nocturna com os seus relógios de ponto da maior eficácia.

LOPES, COELHO, DIAS & C.^a L.^{da} — MATOSINHOS Formidáveis fábricas de conservas, do melhor que se produz em Portugal.

“LA LICORNE”, o maravilhoso auto para senhoras, 1.^o prémio do Concurso da Elegância em Lisboa.

COMPANHIA PORTUGUESA HIGIENE L.^{da} — Fábricas de produtos químicos e farmacêuticos, proprietários da Farmácia Estácio, de Lisboa.

COMPANHIA INDUSTRIAL E MINEIRA DE PORTUGAL — Cal hidráulica, cimentos, carvões do Cabo Mondego (Figueira da Foz).

CAMILO FRANCISCO RODRIGUES, fábricas de tapetes e capachos de pita e côco, malas, carteiras e artigos de couro, etc.

FABRICA DE PORCELANAS DA VISTA ALEGRE — As maravilhosas manufacturas portuguesas de produção cerâmica, tão bela como o melhor que se importa do estrangeiro.

MICRO-PEROPHONE — A mais recente novidade em grafonolas inglesas, um verdadeiro sucesso de fabricação.

CARLOS DUNKEL — Representante da famosíssima máquina de escrever Underwood, máquina de calcular Sigma, duplicadores, etc.

SALAZAR DENIS — Fotografia de grande arte.

MADAME THOMAS afamada criadora de modas.

COMPANHIA DOS TELEFONES.

Todas as informações nas redacções de *Magazine Bertrand* e *Ilustração*. (Telef. N. 873) ou no

AVENIDA DOS ALIADOS, 71, 1.^o — PORTO — Telefone: 4909 (Porto)

BUREAU DA EXPOSIÇÃO:

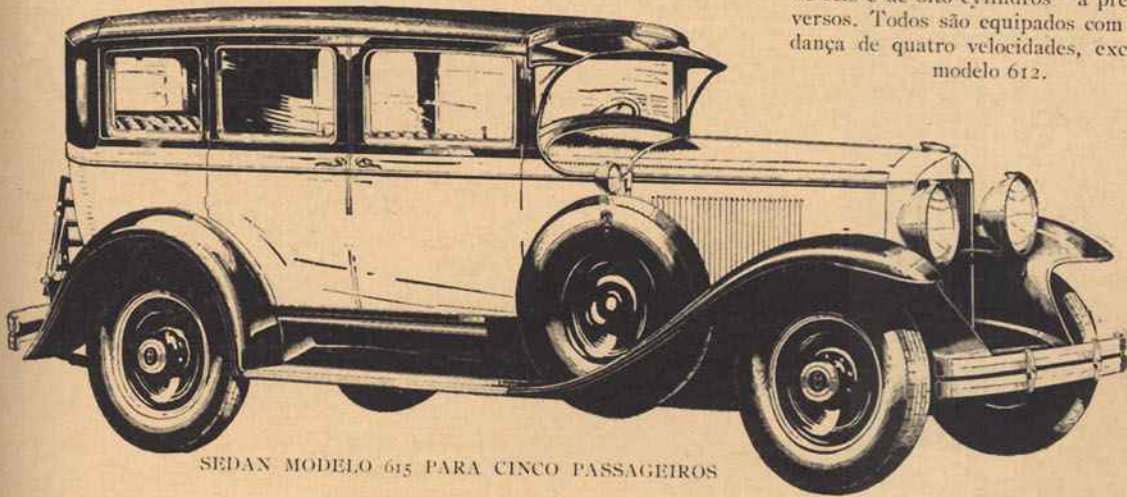
NOVOS E NUMEROSOS APERFEIÇOAMENTOS

OS automoveis Graham-Paige de seis e de oito cylindros, desde longo tempo distinguidos pela sua maravilhosa mudança de quatro velocidades (duas altas velocidades — posição das alavancas *standard*) são agora apresentados com novos e numerosos aperfeiçoamentos que contribuem para a maior belleza e conforto das carroseries e para o surpreendente funcionamento do seu extraordinario chassis. Temos um carro á sua disposição.

*Joseph D. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*



A Graham-Paige oferece uma grande variedade de carroseries, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo em cinco chassis diferentes, de seis e de oito cylindros — a preços diversos. Todos são equipados com a mudança de quatro velocidades, excepto o modelo 612.



SEDAN MODELO 615 PARA CINCO PASSAGEIROS

Representante geral para Portugal: **J. COELHO PACHECO**

21, Avenida da Liberdade, LISBOA — *Salão de Exposição e Serviço*, 90, Rua Braancamp, 94 — Tel. (P. B. X.) N. 2595

Agentes no Porto: MANUEL DA SILVA CARMO & C.^{TA} L.^{DA} — 129, Rua de Santa Catarina, 133

GRAHAM-PAIGE

MONROE



TODOS OS CALCULOS POR ELECTRICIDADE, DIVISÃO COMPLETAMENTE AUTOMÁTICA. A MELHOR CALCULADORA DO MUNDO.

Agente geral:

J. GONÇALVES
CALÇADA DO CARMO, 10
LISBOA

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

MAIS UM LINDO LIVRO

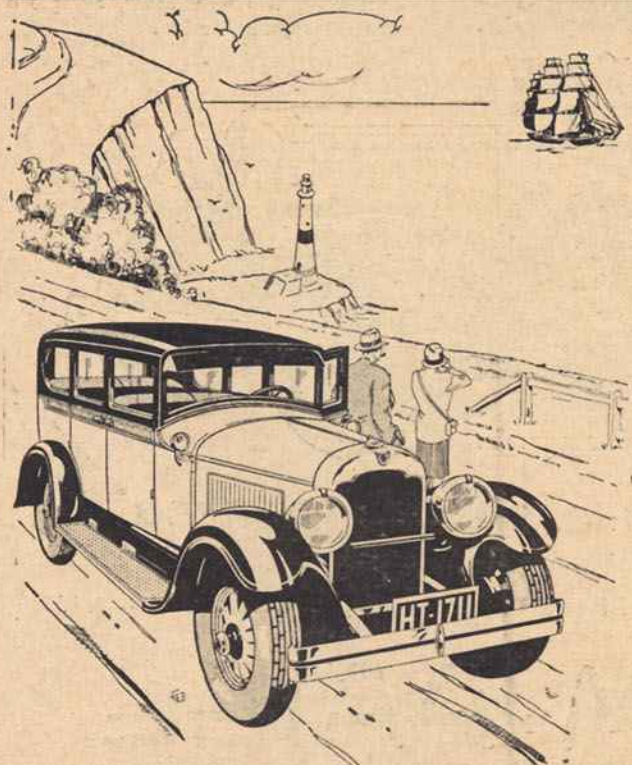
BONECOS DE ESTAMPAR

de D. Teresa Leitão de Barros, é o 18.º volume da **BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS**, contendo três formosos contos, em que bruxas misteriosas, principes portentosos e loiras pastorinhas trazem a alegria e o encanto do espirito até junto de todas as nossas crianças

As ilustrações são numerosas, esplendidas e sugestivas

PREÇO: 5\$00

A VENDA NA LIVRARIA
DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"
Largo Trindade Coelho, 10 e 11



O NOVO REO "FLYING CLOUD"

bate o "récord" da qualidade.



Na categoria dos automóveis de preço médio, supera os de preços elevados em velocidade, conforto e resistência.

Carrosseries de elegância e conforto
Motor de 6 cilindros
Amortecedores hidráulicos à frente e atrás
Apoio das molas em borracha virgem
Travões hidráulicos às 4 rodas

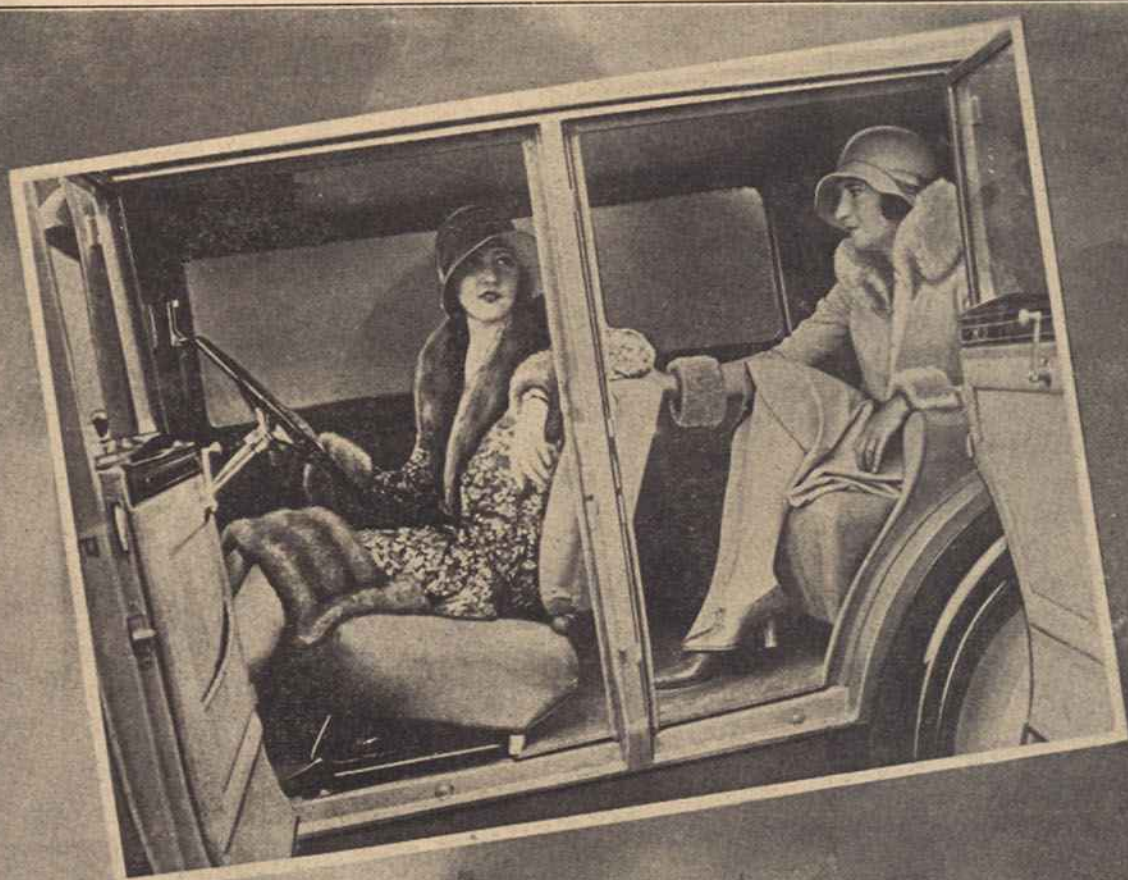
Facultam demonstrações e agradecem uma visita os

REPRESENTANTES:

CONTRERAS & GARRIDO, L.ª

AVENIDA DA LIBERDADE, 165 a 171

TEL. N. 789 — LISBOA



AS ELEGANTES CONDUITES INTERIORES

C⁴ CITROËN C⁶

SÃO AREJADAS COMO UM TORPEDO
E TÊM A MESMA VISIBILIDADE, MAS
DÃO VOS O MÁXIMO CONFORTO COM
QUALQUER TEMPERATURA



AUTOMOVEIS CITROËN

S. A. P. R. L.

44-AVENIDA DA LIBERDADE - 48

- LISBOA -

AGENTES EM TODO O PAIZ



k



PETROLEO **O** GAZOLINA

SHELL

OS TREZ REIS MAGOS

THE LISBON COAL & OIL FUEL C^o LTD.

LISBOA—PORTO—COIMBRA—FARO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDAÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Prociência)

Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :

JOÃO DA CUNHA DE BÇA

DIRECTOR :

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE :

EMPRESA NACIONAL

DE PUBLICIDADE

E

AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO

R. Diário de Notícias, 78

Telef. : T. 821 a 824

ANO 4.º — NÚMERO 81

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

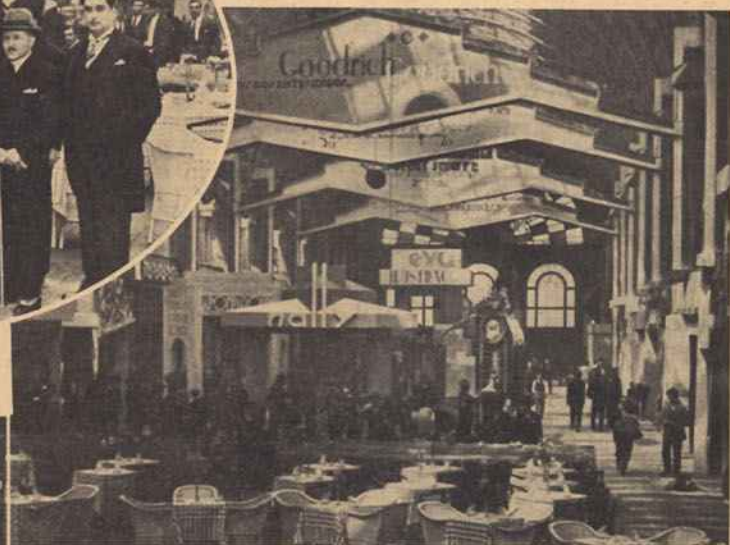
1 DE MAIO DE 1929

UM GRANDE ACONTECIMENTO ARTISTICO E INDUSTRIAL NA CAPITAL DO NORTE

Constituiu, como mais adiante dizemos, um clamoroso êxito o Salão de Primavera da Elegância Feminina, Artes



Industriais e Decoratistas. Não nos consente o limitado do espaço nem tão pouco o tempo — visto a inau-



NO OVAL: — O sr. general Craveiro Lopes, Nunes da Ponte, governador civil, João de Sousa Fonseca, director da Ilustração, João Duque, etc., por ocasião da cerimónia de abertura solenne do salão

AO ALTO, à direita: — Um interessante aspecto de parte da grande nave do Palácio de Cristal por onde se vê parte da caprichosa ornamentação da nave do Palácio

A ESQUERDA: — Outro aspecto impressionante do grandioso certame, vendo-se alguns dos modernos e elegantes stands

EM BAIXO, à direita: — Os stands de vários organismos comerciais e industriais que concorrerem no Salão de Primavera da Elegância Feminina, Artes Industriais e Decorativas, e pelo qual se vê o grande esforço artistico e de réclame que foi mister dispendir para liritho e esplendor do grande certame na bela capital do Norte

guração ter sido a 25 quando já este número estava prestes a entrar na máquina — o publicarmos larga reportagem gráfica e literária do extraordinário acontecimento, o qual marcou na vida da grande cidade do Norte. Em todo o caso aqui arquivamos alguns aspectos do maravilhoso salão, sendo de notar que a vastidão da nave não consentiu por então uma vista de conjunto que só mais tarde publicaremos.



CRÓNICA DA QUINZENA

De entre as numerosas homenagens que é hábito, entre nós, render às pessoas importantes, duas, nesta quinzena, merecem ser destacadas da banalidade cotidiana, não, pelas homenagens em si, mas pelos nomes das individualidades a quem foram prestadas. Um, felizmente vivo — e que os deuses conservem sem achaques até à hora inevitável, — é Columbano Bordalo Pinheiro, artista emérito dentro da nossa terra, e fora dela, e, no meu sentir, o maior pintor português de retratos, pelo que conheço de antigos e modernos. Não é somente a forte impressão de vida que desses retratos recebemos: outros artistas no-la dão com não menor intensidade. Do que, porém, só os grandes são capazes é de apreender no modelo, e exprimir na tela, os traços essenciais e permanentes que fazem a unidade e o timbre do carácter, através das atitudes posturas, dos gestos momentâneos, e das expressões accidentais. Qualquer que seja o processo que o artista empregue para atingir este resultado, é esta justeza de penetração que lhe permite surpreender nos olhos, nos lábios, nos jogos da fisionomia, nas maneiras e nas atitudes o segredo das qualidades de sentimento e das tendências que constituem a personalidade, que faz a superioridade dos mestres do retrato: um Vinci, um Velasquez, um Alberto Dürer, um Holbein, um Van Dyck, um Rembrandt.

Pelo que respeita a Columbano, a prova está feita. Que seja possível, diante de alguns retratos seus, a uma pessoa que não conhece o retratado (ou retratada) definir-lhe os traços principais do carácter à vista, somente da pintura, e ouvir dizer a alguém que conhece o original: «é curioso; mas, é isso mesmo!» — isto basta para aquilatar a obra de Columbano. Que pena que ele não tenha tido ocasião de retratar alguns dos homens mais representativos do fim do constitucionalismo: teríamos, agora, uma documentação preciosa sobre esse fim de regime, análoga à que nos deixou Velasquez sobre a corte de Filipe IV, essa corte profundamente triste que, para conseguir distrair-se, se rodeava de bobos e de anões.

Depois, Columbano é daqueles poucos artistas, a cujo carácter não é necessário fechar os olhos para poder-lhe admirar o talento. Artista sincero entre os mais sinceros, probo entre os mais probos, professa no mais alto grau o culto e a dignidade da sua arte. Desde o início da sua carreira — lembro-me, ainda das primeiras exposições do *Grupo do Leão*, e das críticas que vieram a lume, — nunca tocou o caminho traçado para lisonjear os preconceitos do grande público, ou snobismo das chamadas pessoas cultas. Procurando sempre aperfeiçoar-se, foi evoluindo com regularidade, sem abandonar a sua visão pessoal, não por teimosia, não por querer impô-la aos outros, mas por sinceridade para consigo mesmo, e respeito pela sua arte.

Disse-se que a tonalidade dominante nos seus quadros era produto de um defeito do seu

orgão visual. Tem-se dito o mesmo de outros pintores, mas, são afirmações, estas, que é mais fácil proferir do que provar. Um oftalmologista, Liebreich tentou essa demonstração com respeito aos quadros da segunda maneira de Mulready e de Turner, atribuindo os excessos de azul e de violeta ao amarelecimento do cristalino com a idade; mas um outro oftalmologista Albertotti, dotado de um sentimento artístico que Liebreich não possuía, rebater aquelas afirmações.

Isto não quer dizer, de forma alguma, que as alterações na função visual não possam influir nas obras de um artista, mas carecemos de estudos suficientes para poder fazer afirmações precisas.

O certo é que, serenamente, perseverantemente, sem estardalhaços, a obra de Columbano acabou por se impôr. Nobre e digna, a sua vida inteira de artista é daquelas que podem, e devem servir de exemplo aos novos. E eu que não tenho a honra de ser seu íntimo, quero deixar aqui, nestas páginas que vão atravessar o Atlântico, o testemunho desinteressado de quem não pode ter, para lisonjeá-lo, os motivos desculpáveis da amizade.

A outra homenagem a que me quero referir é o monumento que em Lisboa, foi erigido à memória de Antero de Quental. Sem dissentir, agora, se as estátuas erigidas nas praças públicas são a melhor forma de render preito à memória dos homens célebres, o que não merece discussão é que o nome de Antero é daqueles que não deviam ser esquecidos. Como a de Columbano, a obra de Antero é das que ultrapassam os limites de uma nação, senão de facto, pelo menos de direito. Sem inflação patriótica, o seu nome pode bem colocar-se a par dos nomes dos poetas franceses do seu tempo — Baudelaire, Leconte de Lisle, Banville, Sully Prudhomme, Mallarmé, etc. — e mesmo acima de alguns deles.

A sua vida foi trágica: uma águia debatendo-se dentro de uma gaiola — a *nevrose da angústia*, a ansiedade tornada crónica com o decorrer dos anos. Em face das aquisições da neuro-psiquiatria nestes últimos trinta anos sobre a patologia da emotividade, é pueril pretender explicar o desenrolar das torturas de Antero e o seu desenlace, por meras incertezas metafísicas ou religiosas. Enquanto a emotividade se mantém dentro de certos limites de equilíbrio, o instinto vital é suficientemente forte para encontrar a solução mais adequada ao temperamento de cada um: ou seja o remédio de Pascal — «bestializa-te, toma água benta, a fé virá» — ou seja o de *Candide* — «tratemos de cultivar o nosso jardim». Quando, porém, a emotividade toma o freio nos dentes,

L'Espoir,
Vaincu, pleuré, et l'Angoisse, atroce, despotique
Sur mon crâne incliné plante son drapeau noir.»

(BAUDELAIRE, *Figuras da mal.*)

Este estado pode ser passageiro, mas se se repete com frequência, uma ansiedade permanente por tudo e por nada acaba por instalar-se. O instinto vital torna-se negativo, e o doente enfileira, como Leopardi, na ala dos namorados da morte. Assim succedeu com Antero de Quental:

Dormirei no teu seio inalteravel,
Na comunhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolável!

(A. DE QUENTAL, *Soneto*.)

Sousa Martins, na sua *Nosografia de Antero*, mostrou claramente a dependência em que o estado psíquico do poeta esteve da nevrose que o atormentou. O seu estudo poderá ser retocado e ampliado à luz de documentos novos; o que não pode é ser ignorado. Ele insistiu principalmente sobre os factores biológicos; haveria que completá-lo com o estudo dos factores sociais que influíram na evolução psicológica de Antero. Assim, por exemplo, a tentativa filosófica de conciliação do naturalismo com o idealismo publicada na *Revista de Portugal*, não se explica, de forma alguma, pela nevrose, mas, sim, pela influência de tentativas análogas que faziam em França Lachelier e Fouillé, entre outros, na Alemanha Wundt, seguindo na esteira de Fechner e Lange. Seria necessário, ainda, estudar até que ponto o estado moral e político do nosso país no último quartel do século XIX pode ter influido na evolução mórbida da mentalidade de Antero. O espírito é um produto bio-social, e, não, um producto, somente, de organismo. E os factores sociais, exactamente, como os factores biológicos e os factores físicos, podem actuar como estimulantes da vida ou como depressores, como productores de equilíbrio ou de desequilíbrio psíquico; e há muito que a psiquiatria conhece a influência nefasta das guerras, das revoluções, das perseguições religiosas e políticas, numa palavra, de todas as calamidades sociais no que respeita à frequência das doenças mentais e nervosas.

E assim, não será exagerado pensar que encontrando-se Antero de Quental, pelas tendências do seu espírito e do seu carácter em completa desarmonia com o meio social em que nasceu e cresceu, essa desarmonia tinha vindo somar-se à desarmonia interna criada pela psiconevrose, agravando-se as duas reciprocamente, num círculo vicioso permanente.

Seja como for, o que se vê é que estamos ainda longe de possuir um estudo completo sobre a obra e a personalidade de Antero de Quental. Foi bom, por isso, que a errecção do monumento desse ocasião a lembrá-lo, não obstante forçá-lo a ouvir certos discursos, a que, felizmente, para ele, estava inibido de responder.

JOSÉ DE MAGALHÃES.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

SALÃO DE PRIMAVERA

DA ELEGANCIA FEMININA, ARTES INDUSTRIAIS E DECORATIVAS

Constituiu um êxito sem precedentes — um autêntico e iniludível êxito — a inauguração do *Salão de Primavera da Elegância Feminina, Artes Industriais e Decorativas* realizada a 25 do corrente na grandiosa nave do Palácio de Cristal do Porto.

Promovido pela *Ilustração* — a primeira, ou antes a única revista gráfica de grande luxo de Portugal — pela *Eva*, o magnífico jornal feminino que todos conhecem e com o apoio valiosíssimo do formidável quotidiano português *Diário de Notícias*, o *Salão de Primavera* agora inaugurado é um magnífico e admirável exemplo de bom gosto e modernismo, uma prova da nossa vitalidade comercial e artística. Obedecendo a um plano sábiamente delineado pelo ilustre architecto Amilear Pinto e impulsionado pela energia

indomável dos seus promotores, o *Salão de Primavera*, grito de cor, vida e alegria, harmonisa dentro da grande nave do Palácio de Cristal as tendências modernistas dos nossos melhores decoradores — em *stands* que são uma maravilha de cor e bom gosto — com a imprescindível necessidade de reclame, que, hoje constitui uma ciência. E, valha a verdade, tudo quanto há de maior e de melhor no nosso comércio e indústria ali se encontra representado: seria impossível conseguir melhor.

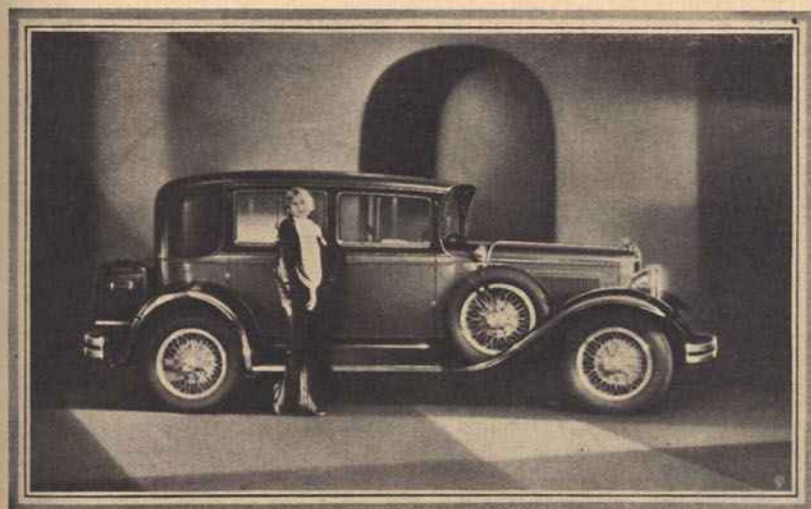
O movimento, a animação, a concorrência a este benemérito empreendimento de arte e progresso têm sido formidáveis: os concertos, recitais, chás dançantes, etc. que fazem parte do programa do *Salão* têm revestido um entusiasmo inigualável.

A abertura do *Salão de Primavera*, digno-lho com todo o orgulho, é mais um êxito estrondoso da *Ilustração*, da *Eva* e do *Diário de Notícias*: é uma nota berrante de cor, de vida, de entusiasmo, alegria e progresso; o *Salão* agora inaugurado é o digno continuador daquele que em Novembro inaugurámos em Lisboa e cujo êxito, todos o sabem foi verdadeiramente clamoroso.

Lá fora não se faz melhor. E isso nos enche de justificado orgulho.

新聞 ————— 新聞

ACTUALIDADES



NO MEDALHÃO: — Casamento da sr.^a D. Noémia Efigênia Barbosa Tomé Feira com o sr. Júlio Martins Gonçalves

A ESQUERDA: — Um assombro da moderna construção de automóveis: o último modelo do estudebaker, «New Commanders» cuja elegância de linhas e perfeição são extraordinárias



Por ocasião do aniversário do governo presidido pelo sr. coronel José Vicente de Freitas, os seus amigos e colaboradores testemunharam-lhe publicamente o seu apreço promovendo algumas manifestações de apoio à sua obra. As nossas gravuras acima representam: à esquerda: o sr. Presidente do Ministério rodeado pelos governadores civis dos vários distritos que expressamente o vieram cumprimentar; à direita: o mesmo senhor com o pessoal do seu ministério e outras pessoas que igualmente lhe foram apresentar os seus cumprimentos



1 - Peditório em benefício do Dispensário do Porto. — Uma gentil pãnta a quem não se pode fugir...

2 - As ilustres pintoras D. Adelaide e D. Maria Adelaide Lima Cruz, no Salão Silva Porto, onde realizaram uma exposição magnífica

3 - As crianças dos colégios do Porto lançando flores sobre o monumento aos Mortos da Grande Guerra, na última comemoração do 9 de Abril

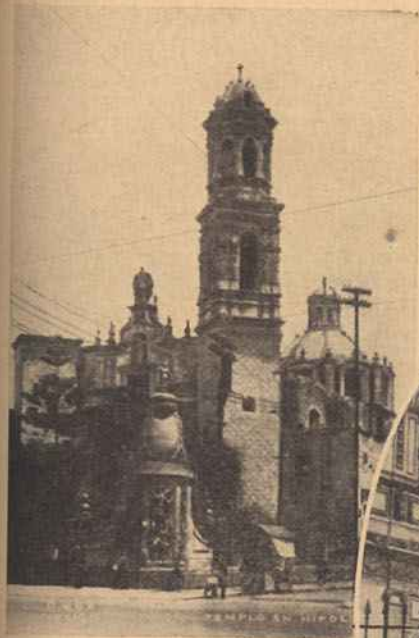
4 - Homenagem póstuma ao insigne pintor Marques de Oliveira. O senhor governador civil ao terminar o seu discurso ante o monumento ao insigne artista, erguido no Jardim de S. Lázaro

5 - Outra nota interessante do peditório em favor do Dispensário do Porto... Lá se vão os últimos cores da mesada...

6 - Grupo de gentis meninas de Vila Nova de Gaia que realizaram um proveitoso peditório em favor da Misericórdia local

(Fotos, exclusivas para «Ilustração», de Alvaro Martins).

OS ACONTECIMENTOS DO MEXICO



Igreja de Santo Hipólito.

Estão tocando o seu termo, — se é que o não tocaram já! — os trágicos e sangrentos sucessos que, há semanas, chamavam sobre o México as



A estátua de Humboldt em frente da Biblioteca Nacional

A ESQUERDA: — El Zócalo



NO OVAL: — Os aviões governamentais preparando-se para o ataque aos rebeldes

atenções de todo o mundo. Depois de rebeliões sucessivas em vários estados daquela república e quando muitas probabilidades faziam prever o êxito dos revoltosos, estes cederam e a revolta acabou por ser sufocada, — ou quasi porque os núcleos que ainda re-

A DIREITA: — Um contingente de tropas de infantaria fiéis ao governo



A DIREITA: — A catedral da cidade do México ainda há tempos se deram sangrentas colisões entre entusiastas e as autoridades de Calles

sistem não têm importância de maior. O presidente Portes Gil, criatura dedicada a Calles e sequaz das suas idéas, tem portanto assegurado o seu mandato presidencial. Por quanto tempo é que não sabemos, visto o México ser o país das revoluções e das surpresas — surpresas sangrentas, digamo-lo desde já!... Porque, para em tantos estados se declarar a rebelião contra Portes Gil e as idéas de Plutarco Elias Calles, seu inspirador, é porque enorme era o descontentamento contra a política ultimamente seguida na grande república... Os revoltosos dispunham de grandes contingentes, artilharia, cavalaria e até numerosa aviação: a repressão sangrenta da revolta ainda mais deverá ter au-

mentado os ódios existentes e talvez viva muito pouco quem não assistir a outro levantamento geral — tão sangrento e cruel como foi aquele que agora está tocando o seu termo...





CARLOS DE PASSOS, o distinto arqueólogo português, a cujo benemérito esforço se devem já vários trabalhos de valor sobre o nosso património artístico, entre elles a brilhante série *Monumentos de Portugal*, publicada sob a sua direcção.

FIGURAS DO MOMENTO



DAWES, o célebre autor do plano de pagamento das reparações que tem o seu nome, e o qual, segundo se afirma, substituirá Mr. Myron Herrick no lugar de Embaixador dos Estados Unidos em Paris.



MESTRE COLUMBANO, a quem o governo português acaba de prestar a justíssima homenagem a que o seu esforço a favor da arte portuguesa tinha direito.



HENRIQUE DE BRITO, a cuja decidida energia se deveu o êxito extraordinário do I Salão de Outono, realizado no Palácio das Belas Artes, e que actualmente tem mais um justo título de orgulho na realização do Salão de Primavera da Elegância Feminina, Artes Industriais e Decorativas, aberto a 25 do corrente no maravilhoso Palácio de Cristal do Porto.



FUJITA, o célebre pintor japonês mundialmente conhecido, e que ultimamente se pôs em fóco no meio parisiense.



CONDE DE AGROLONGO, o incansável benemérito que a morte acaba de arrebatá-lo, e no qual os institutos de caridade de Portugal, e a pobreza, tanto ficaram devendo.



D. EDUARDA LAPA, pintora de arte, e cuja exposição no Salão Bobone tem sido muito apreciada.



HOOVER, o novo presidente dos Estados Unidos cuja acção na rebelião mexicana contra Portes Gil e Calles tem sido objecto de várias e apaixonadas apreciações.

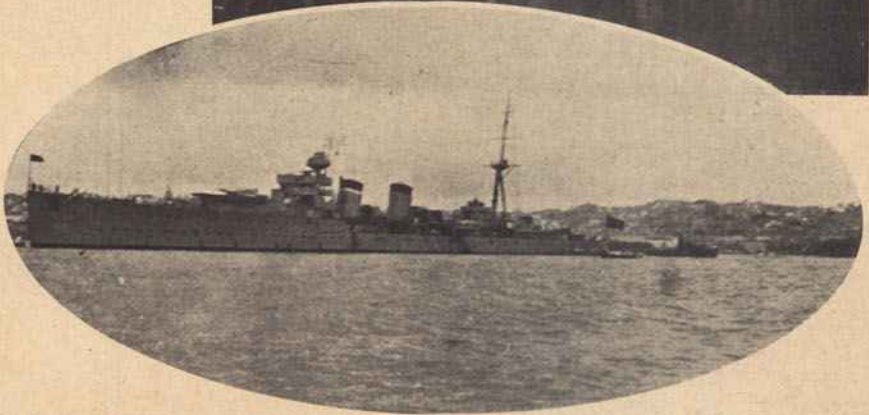
FACTOS E ACONTECIMENTOS



EM CIMA: —Um aspecto do monumento a Antero do Quental inaugurado no Jardim da Estrela. Ante a bela obra de Diogo de Macedo vêem-se os srs. coronéis Mardel Ferreira, da Câmara Municipal de Lisboa, e Silva Leal, delegado especial do governo nos Açores.



Assistência ao chá que o Senhor Embaixador de Espanha ofereceu nos officios do cruzador espanhol «Almirante Cervetas», que recentemente visitou Lisboa, e a algumas individualidades de destaque no nosso meio.

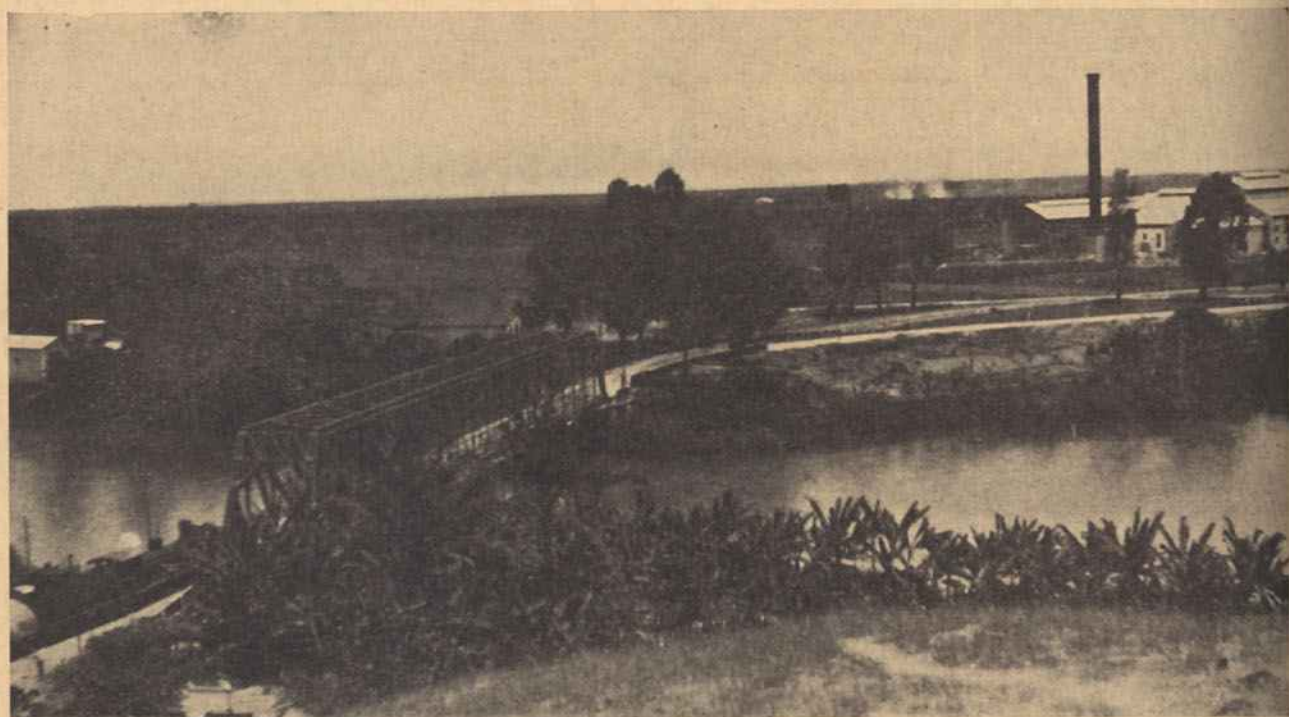


NO OVAL, a esquerda: — O «Almirante Cervetas», modernissimo barco de guerra espanhol que visitou o porto de Lisboa como saudação ao governo português.

EM BAIXO: O Orfeão Académico de Coimbra, o mais antigo e maior agrupamento coral do país que, sob a regência do dr. Elias de Aguiar, se empenha em largas excursões no país e estrangeiro, em que, de certo, obterá os maiores triunfos artísticos.



PELAS COLONIAS



A África não é apenas o torrão abençoado de onde tantas riquezas podem ser extraídas para bem dos seus naturais e dos colonos. A nossa África é também um repositório de extraordinárias belezas naturais, de paisagens de maravilha, com os seus rios extensíssimos e a sua vegetação luxuriante. Já por

várias vezes aqui temos arquivado aspectos do nosso riquíssimo património colonial: cabe hoje a vez a Catumbela, na África ocidental e pelas gravuras que inserimos poderão os leitores certificar-se da razão que nos assiste ao arquivar aqui êsses aspectos. Um dêles representa um trecho do caminho de

ferro com a sua ponte sobre um rio onde abundam os jacarés e os hipopotamos: em baixo a importante fábrica de assucar do Cassequel, um dos centros mais laboriosos e importantes da referida região, e colocado no meio duma paisagem cheia de encanto, admiravelmente produtiva.





DIEGO VELAZQUEZ DA SILVA

Retrato de um truão

MUSEU DO PRADO — MADRID

SENTIMENTOS E IDEIAS

Agora, que se projecta a realização duma semana galega em Lisboa e duma semana portuguesa na Galiza, parece-nos da mais flagrante oportunidade a publicação deste magnífico ensaio do ilustre escritor galego Vitoriano García Martí, em que se aborda um tema que, tendo evidentes pontos de contacto com a nossa fisionomia sentimental, é digno de toda a nossa atenção.

É extraído, por especial deferência daquele nosso amigo, do seu belo livro «Una punta de Europa», recentemente publicado, e em que aparece tan acusado el perfil del alma gallega na frase autorizada do célebre escritor espanhol sr. J. Ortega Gasset, que o prologa.

«Ilustração», dando a conhecer em Portugal o nome dos distintos homens de letras, vai assim colaborando no intercâmbio intelectual que se inicia e ao qual adere com todo o entusiasmo, enunciando desde já a sucessiva inserção dos melhores trechos literários dos escritores contemporâneos da bela região galega, ainda não conhecidos do nosso público.

O amor aos povos envolve um sentido histórico cheio de funestas conseqüências. Aludimos à cega exaltação de tudo que é próprio. Torna-se mister eliminar semelhante preconceito. O amor aos povos distingue-se do amor às mulheres em que, aos primeiros, se lhes deve a verdade, e, às segundas, a própria natureza encarrega-se piedosamente de a ocultar. O amor inteligente às colectividades, cheio de nobres estímulos e de ansias de progresso, nunca pode ser influido pela adulação. A circunstância de que vos acusam de debilidade no amor à vossa terra, se não aderis ao côro de elogios a coisas e organismos que merecem censura, pode ter conseqüências perigosas, pelo menos os naturais divórcios de pessoas, duma obra que precisa do concurso de todos.

O affecto inspirado numa adesão cega é quasi sempre estéril; o affecto à colectividade, para ser vivo e fecundo, deve ser vigilante. Não se podem cerrar, sem grave dano, as fontes de renovação moral. E essas fontes são justamente a concorrência dos espíritos, abertos às supremas conquistas morais da História.

As valorizações dum país devem ser tais que não tenham de perecer pelas vossas críticas nem adquirir direito à existência só pelo nosso elogio. Medrados valores os que assim subsistiram!

No regionalismo galego — e supomos que em todos os regionalismos — há exaltações e extravios deste género, sentimentos affectivos que cobrem com a pretendida intangibilidade instituições e coisas que melhorariam, sem dúvida, numa crítica aberta e depurada.

Nem advogados nem fiscaes sistemáticos; uma e outra coisa alternativamente, conforme as circunstâncias e as exigências da realidade.

Por outro lado, o sentimento regionalista não pode ficar estancado nessa espécie de estupefacção histórica. A par do amor à terra, que não é senão um extremo da relatividade e do historicismo, preciso, claro está, porque os seres humanos vivem com os pés fincados à terra onde nasceram, que é o ponto de partida; a par disto não se deve esquecer que também existe o amor à Humanidade, que é

o outro extremo: o da concepção abstracta e filosófica, ou o ponto de chegada.

É preciso talvez aliviar todos os «regionalismos» de historicismo e relatividade, carregando-os um pouco de sentimentos universais.

Não é possível salvar toda a história. Há nela muito de mortal. Morrem muitas coisas, como morrem nossos pais, seja embora nova a tremenda realidade dia a dia. Não se pode, sem perigo, profundar em demasia as nossas diiferenças: são muito importantes as semelhanças e os pontos comuns que existem entre os homens de todas as latitudes. É necessário fomentar esta sensibilidade comum e universal, que contribue para nos salvar em momentos determinados. Não se esqueça nunca o homem por detrás do galego ou do catalão. Bem está que, pelo facto de nascermos «aqui» ou «alli» guardemos affectos a esses sitios; mas procuremos viver no mundo, e já que a nossa fatalidade nos impede voar ou levantar completamente os pés da terra, não nos curvemos pelo menos tanto que não possamos andar nem olhar para a frente...



Vitoriano García Martí

Há um nacionalismo sentimental, cego, cheio de preconceitos, de exaltações, de tudo o que é próprio, e há um nacionalismo intelectual que não se deixa abafar pelos vapores cordiais.

O nacionalismo, em geral, é de tipo sentimental. Não se defende o alheio, mas o próprio, pelo facto de ser próprio. Mas do mesmo modo que o homem se deve compenetrar do amor do que é seu, no que lhe tenha de accidental, para o que deve realizar o labor de substituir, nos caminhos de perfeição, os seus valores relativos por valores essenciais, de tal sorte que chegue um momento em que amar-se a si mesmo está justificado porque representa valores universais, também na nação, nos organismos colectivos, se deve fazer este labor de selecção tendendo a que a defesa dos valores naturais chegue um dia a confundir-se com a defesa dos valores universais. É preciso, para isso, um sentido crítico e de revisão. É preciso, para isso, que se abandone a atitude mística do enlace inconsciente com as coisas, submetendo-as ao exame duma revisão intelectual. Há quem julgue, no entanto, que se deve defender o accidental e relativo precisamente.

Todo aquele que tem uma pretensão absorvente cai no excesso. O «regionalismo» é um termo duma relação, mas esquece frequentemente o seu verdadeiro significado. A região define-se como limite médio do organismo colectivo. Entre o individuo e a Humanidade, categorias fundamentais, existem outras puramente históricas e relativas. O certo é que este historicismo da região pretendeu elevar-se à categoria fundamental, pretendeu ser tudo, e nisto estriba o seu pecado, o todo absoluto e filosófico.

Não nos parece lógico que nos curvemos ao rasear, pondo-nos logo a contemplar a terra que pisamos e em que viemos ao mundo, vertendo lágrimas de ternura, em atitude mística. Esta posição de curva, de arco, não é própria do homem. O homem deve ser flecha até ao momento em que a morte o fizer cair, e mesmo então não deve cair indignamente, de bruços, mas de cara ao sol e de costas à terra que pode ser berço e leito, mas não a méta, o objectivo e o ideal. Nasce-se na terra e caminha-se para o céu. Há um tanto de infantilismo nisto da gente ficar definitivamente a contemplar as glórias e o sol da freguesia, um tanto de assombro de recém-chegado. Dá vontade de dizer: siga para diante, que no mundo há mais coisas. E daí, talvez que não haja, mas o nosso dever obriga-nos a caminhar...

(Exclusivo de «Ilustração».)



NOS TRIBUNAIS DE NOVA YORK UMA AUDIÊNCIA NOCTURNA

A RÁPIDA JUSTIÇA AMERICANA NA SALA DA AUDIÊNCIA — O «JAZZ-BAND»

— Primeiro tem V. Ex.^{ta} que conseguir licença do sr. juiz — informa-nos um funcionário, o qual obsequiosamente se presta a apresentar ao magistrado o nosso pedido.

Entretanto vamos lançando um olhar em redor da sala de entrada. A portaria em mármore é pessimamente iluminada: restos dum esplendor de há muito sepultado. Pelas paredes há anúncios mas nós mal os podemos ler devido à semi-escureidão que reina por toda a parte.

Reaparece o funcionário.

— V. Ex.^{ta} podem entrar pela porta dos acusados, a segunda à direita.

Lá dentro o calor é sufocante. O edifício carece de ventilação. Alguns indivíduos encostam-se às paredes da sala conversando quietamente. São os solicitadores, todos fies de péssima reputação: o seu ofício parece resumir-se em infundir o terror no espírito dos acusados, presos por qualquer pequena infração das leis. Vivem apenas da intimidação aqueles senhores...

Agora mesmo um dólé está explicando qualquer coisa a um negro. Disfarçadamente aproximamo-nos do grupo e consigo apanhar no ar algumas palavras do diálogo:

Os inumeráveis focos eléctricos da Broadway fazem da noite dia. Há reclamos e sinais luminosos por toda a parte: aqui uma criança que volta num baillado reclamando um produto farmacéutico; acolá um *écran* fixado às paredes dum *tranhá-cên*, e sobre o qual são projectadas cenas duma nova fita a exhibir, por toda a parte o prazer e... a Humanidade esfomeada.

Não distante fica Central Park o bairro elegante de Nova York: defronte dos edifícios estende-se uma longa fila de *limousines*.

A meio caminho, entre Broadway e Central Park, vê-se uma escura, comprida e triste rua, que a certa altura se inclina na direcção do Hudson. A maioria dos seus habitantes pertence à raça negra. Não é lá das coisas mais seguras para um estrangeiro o aventurar-se por lá depois da meia noite. Nas proximidades um largo e mal iluminado edifício destaca-se na semi-escureidão, no meio do terreno quasi despojado. É o Tribunal da noite. Na América a justiça é rápida... em certos casos. Há casos de indivíduos que, presos às duas da manhã por um crime que demanda juízo sumário, já estão interrogados e convictos do seu delicto uma hora depois da prisão.

Em frente do edifício pequenos grupos de populares ou de vândos que conversam sossegadamente; outros que excitadamente falam do seu próprio caso e procuram explicá-lo aos amigos.

É meia noite.

Chegamos de automóvel, despertando a curiosidade dos ociosos que procurar determinar qual de nós será o detective, o advogado e o criminoso. Subimos os largos degraus que levam à entrada do Tribunal e

someos logo detidos por um polícia. Quer saber o que vamos ali fazer. Declinamos a nossa identidade: somos jornalistas estrangeiros. O mantenedor da ordem continua com dúvidas a nosso respeito. Exhibimos portanto os nossos papeis. Por fim, convencido já de que não transportamos bombas nas algibeiras nem intenções criminosas na cabeça, franqueia-nos o caminho. Encaminhamo-nos logo para a sala da audiência, e damos a conhecer o desejo de entrar pela porta do fundo, por onde costumam ser introduzidos os acusados.



OS CRIMINOSOS DA NOITE — MARTELHO DO SR. JUIZ — A JUSTIÇA

— O caso é muito sério, meu amigo... muito sério mesmo!...

— Mas não fui eu... eu nada tenho que ver com o que se passou...

— Deixá-lo!... Os juizes estão por certo convencidos que foi você!...

Dirigimo-nos para outra sala. Está cheia de empregados bancários. Na América há bancos cuja especialidade é anfiar presos. Naturalmente auferem disso um lucro fabuloso. Se um indivíduo é preso durante a noite e a audiência de julgamento é adiada, o magistrado arbitra uma fiança e o Banco recebe o dinheiro desde, é claro, que o preso obrege boas referências e condições de solvabilidade.

Quem nunca assistiu em Nova York a um julgamento nocturno, não pode fazer uma ideia do número de causas em juízo logo às primeiras horas da noite. As autoridades preferem tratar os casos dum modo muito sumário: só as causas de importância são adiadas. E neste género de justiça o que impera é o direito consuetudário. De modo que, se um réu se confessa logo culpado recebe uma sentença muito mais suave, muito mais exígua do que se só confessa o crime depois de estabelecido claramente o delicto,



e isto porque poupa tempo e trabalho aos magistrados.

A sala está cheia de réus. Tipos de criminosos veridicários, criaturas miseravelmente vestidas de mistura com outras trajando com apuro. A grande maioria dá mostras de inquietação. Os que acham lugar para se assentar consideram-se felizes. Ony-se retirar uma campainha na semi-obscuridade. Uma mulher de certa classe ri histéricamente. Um polícia encarrega-se de a chamar à ordem.

A um canto da sala uma senhora bem vestida chora. Ninguém se preocupa com ela.

Através da porta aberta tem-se uma vista geral da sala da audiência. O magistrado,

exibindo um martelo na mão, ministra a justiça aos inculmados. De vez em quando o martelo — símbolo da justiça nocturna em terras americanas — bate enérgicamente sobre a mesa. Estão falando os srs. advogados.

Atraí-me a atenção um dos presos, tipo de perfeito criminoso, já um pouco maduro em idade, e o qual está sentado na sala de espera, fumando. É o exemplar do delinqüente frequentador assíduo e assíduo freguez das casas da Justiça. Os outros presos falam-lhe com uma certa deferência. Próximo d'ele está um rapazote dos seus dezasete anos.

O acusado fala neste momento com o rapazote.

— Porque diabo é que fies te deitaram a unha?

— Sei lá!

— O quê? Não fizeste nada?

— Ru cá julgo que não!

— Então o que foi?

— Uma miuharia que eu tirei a uma fulana!

— O que foi?

— Quatro dollars.

— Só? E para quê?

— Ora! para nada... Para comprar umas gulofices.

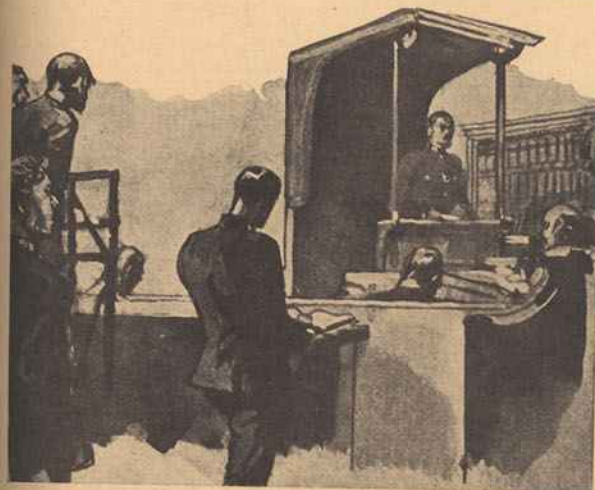
É desata a chorar.

Aparece agora um polícia a fazer nova chamada. É a vez do rapazote. Vejão entrar para a sala da audiência. Chora ainda... O caso d'ele é liquidado num minuto. Ergue-se de novo o martelo... Proferse a sentença que fica em suspenso... O rapazote terá de ouvir uma palavra de reprimenda do padre aldricto no tribunal...

Chamam agora um outro acusado...

Abandono a sala da audiência... E chego a Broadway a tempo de me precipitar nos dominicos do jazz e da gargalhada...

(Anglo-American N. S. Copyrights)





Por êsse mundo



Do Ministério das Colónias, assinada pelo Ex.^{mo} chefe do gabinete, recebemos agora uma rectificação ao belo artigo «Macau, Monte Carlo do Oriente», da autoria do nosso querido amigo e brilhante jornalista espanhol Luis de Oteyza, publicado nesta revista em 1 de Fevereiro passado. Tardou, a rectificação, mas nem por isso ela é menos categórica: «Tendo sido publicado no número 75, de 1 de Fevereiro último, da «Ilustração», um artigo do jornalista espanhol sr. Luis Oteyza, acerca da colónia de Macau, no qual se afirma que: «Hoje ainda o governo português paga assim coisa de quatro mil psetas ao governo de Pequim...» e, sendo esta afirmação absolutamente errônea, solicito de V. Ex.^a que no próximo número da referida publicação seja declarada inexacta tal afirmação do sr. Luis Oteyza.»

Os senhores perceberam já alguma vez aquela tremenda embrulhada chinesa? Os senhores sabem acaso o que querem aqueles ferozes generais que retomam cidades, cortam cabeças, vestem à europea — militarmente falando, é claro — e distribuem pelos lombos uns dos outros um budo de pancadaria colossal? Os senhores percebem alguma coisa daquilo tudo? Nós não percebemos... Todos os dias os nossos olhos percorrem avidamente as notícias dos periódicos acerca da baralha imensa mas, verdade, verdade, estamos tão adiantados agora como estávamos aqui há um ano! Parece-nos que uma das maiores inutilidades de que vivem cheios os periódicos, deverá residir no relato das coisas da China. E que todos os dias surgem novos generais e se tomam cidades de nomes mirabolantes; avançam os nortistas e os sudistas também; quando os sudistas recuam, recuam também os nortistas, e ao cabo de muito parafusar sêbre o que nos contam as várias e patranhosas agências telegráficas, a nossa cabeça tem dentro água choca, escorralhos de idéas, borra de pensamentos, e nada, pela palavra nada no respeitante a uma conclusão a respeito daquela enigmática zaragata.

Aquela embrulhada chinesa não será uma pura invenção das agências telegráficas?

Cada vez mais as relações peninsulares vão tendo devotas e novos propulsores. Como pioneiros desta campanha que um dia, ainda, dará os seus mais belos frutos e levará às mais consoladoras realidades, é com alegria que saudamos aqueles que vêm enfileirar nas hostes desinteressadas, em que formamos idêntica cabeça por direito de conquista. Cabe agora a vez de iniciar a sua campanha a uma nova revista, Arto Peninsular, que se deve à vontade pertinaz e às boas intenções de Guerra País. O seu director que creia na nossa vontade de ver a sua revista singrar pelo melhor dos mares.

Recentes notícias informam do triunfo fulminante que os espanhóis alcançaram, no seu desafio de futebol com os franceses. É consolador ver que a equipe que nos bateu em Paris por 2-0, acaba de ser desfeiteada (é o termo) por «nuestros hermanos» que obtiveram, como quem não quer a coisa, o bonito resultado de 8-1! Prova-se assim que, ou os valores em futebol não têm azada nem possível classificação e que a difícil arte do ponta-pé na bola é uma espécie de «banca francesa» com dados de mercúrio ou então estivemos em Paris com manifesto azar senão em Espanha, ainda assim, com manifesta sorte!... Fatalmente! O que, de tudo se conclue, e isso sem contestação fácil, é que os nossos vizinhos, em matéria de futebol, desde que inauguraram o sistema de «tador da bola» têm um seleccionador que vê bem e tem dedo para o cargo. Sem obedecer a sugestões nem clubismos, o independente orientador compõe o seu grupo com ampla liberdade e os resultados estão á vista, tanto mais notáveis quanto é certo que as últimas exhibições internacionais da Espanha, no Jogos Olímpicos de Amsterdão, constituíram um verdadeiro desastre desportivo. Quando seleccionarmos nós os nossos valores sem atender ás popularidades de cada jogador nem aos melindres dos clubs associados para só pensarmos em obter um conjunto de rapazes fortes e dignos de nos representarem lá fóra, não por retorcidas habilidades mas pelo seu verdadeiro valor desportivo?

E já que falamos de combelhões internacionais, queremos falar, rítidamente, do chamado «tiro aos pombos». Parece que, ultimamente, em Badajoz, os atiradores portugueses fizeram uma bela figura... porque mataram muitos pombos! O que diz a isto a Sociedade Protectora dos Animais, tão pronta em condenar a soberba festa de destreza e de coragem que é a tourada, tão pronta em achar indigna de povos civilizados a luta magnífica do homem com a fera provando que, se há ainda feras, há ainda, nesta terra, Homens com H grande!... Provavelmente, no caso dos pombos, como são avesitas destinadas pelo Criador a ser a base imprescindível do «arroz de borrachos», a illustre agremiação não protesta; achará até, talvez, um lindo divertimento a brutal chacina dos pobres e inofensivos animaisinhos, símbolo da ternura e da amabilidade, a quem se dá, de repente, a liberdade segrada para logo os despedaçar raiosamente, a zagalotes, numa júria desportiva que atavala!...

Matem-se os pombos!... Os loiros, não, cotadinhos, pobres animais, que têm tanta graça, em Algés, á centésima vez de serem picados pelo António Preto & C.^{la}... Os loiros, não, não se matem em luta e campo aberto, para seleccionar raças bravas que dão única origem ás boas raças de trabalho e

produção agrícola!... O que é preciso exterminar é a raça odienta dos pobres pombos, aqueles pombos que levam cartas longe, chamam, por entre a metralha das guerras, os socorros para os feridos, essas pombas brancas de paz que vêm comer à nossa mão no Rossio e que são comidas, regaladamente, sob a forma de «arroz de borrachos» pelos zófilos que abominam os toiros em puntas e adoram êsse fino e aristocrático Viro al pichón... Valha-nos Deus, na sua infinita misericórdia!...

A Aldeia dos Macacos, miniatura da vida lisboeta, é a grande atracção do Jardim Zoológico. Porventura os bons lisboetas vêm na Aldeia do Simão, no Hotel da Barafunda e outros lugares aprazíveis da célebre Aldeia uma réplica da vida portuguesa em seus vários aspectos... Estão no seu direito mas a direcção do Jardim é que está no seu dever de impedir que os macacos cá de fora sejam piores que os de lá de dentro. Há dois domínios fomos lá: a Aldeia fóra nesse dia opulenta com mais quatro macacos que para lá haviam sido levados. Mandava a boa prudência que fosse tomada em conta a má vontade que há sempre contra a concorrência e que os novos habitantes da Aldeia fôsem protegidos contra os que lá estavam. Não aconteceu assim e os desgraçados macacos foram vítimas de mordeduras sem conta: houve macaco velho que lhes jantou as orelhas e lhes ceiou uma parte do lombo, isto sem que um guarda ali se collocasse, para proteger os desgraçados símios que para a Aldeia haviam sido levados e meter na ordem os outros!... Foi um espectáculo degradante, que os espectadores mais vergonhosos tornaram depois, bombardeando com pedregulhos a macacada toda. Para cúmulo os visitantes dos grandes felinos entretinham-se metendo bengalas nas jaulas e atirando com coisas aos leões e aos tigres, isto sem que um guarda qualquer desse sinal de si e pregasse duas boas bengaladas nos grandes brutos de côco e badine.

A direcção do Jardim poder-nos hia dizer aonde se acoitam os seus guardas durante a visita dos macacos... sem rabo?

Antero, alma de santo e de crente que a filosofia do seu tempo enzonhou e descastrou tornando-o no mais desgraçado de todos os lusitãos, Antero lem agora no Jardim da Estrela um recanto aonde o seu busto de torturado recorda a todos os visitantes a formidável miséria do seu malaventurado espírito... Diogo de Macedo plasmou em bronze a fisionomia do último Antero, aquele que, desiludido já de tudo, apelava lúgubremente para a morte, como solução desgraçada do seu dolorosíssimo problema. Que todos quantos visitem o Jardim e deparem com o busto do grande e desventuradíssimo poeta tomem daí uma lição: a de que, só as crenças — como de resto afirmava Antero! — dão energia e coragem para viver...

FIGURAS EXCENTRICAS DA NOSSA TERRA

CARLOS, SERVO DE DEUS

Encontrámos Carlos da Fonseca, pela primeira vez, por uma tarde morna de céu encolado e ameaçador de trovoadas. Foi um encontro puramente casual, que um amigo facilitou com uma apresentação amável.

Estávamos todos os três junto da muralha do Terreiro do Paço; nós e o nosso amigo hesitávamos em embarcar para a Outra Banda, recendo chuva. Mas logo Carlos da Fonseca, muito afável, nos ofereceu os seus serviços.

— Se querem, eu faço uma rápida petição ao Pai e não choverá.

Olhámos o recém-apresentado com certa desconfiança; êle, muito sério, como se se tratasse da pergunta mais banal d'êste mundo, inquiriu:

— A que horas não se importam os meus amigos que chova?

— Por mim — condescendemos em responder — depois das dez da noite já não me incomoda.

Carlos da Fonseca avançou dois passos e, erguendo o braço de mão espalmada para o céu, exclamou:

— Chuva, pára! Detem-te! Só quero que chova às dez horas da noite!

Ê voltou tranquilamente para junto de nós e o olhávamos assombrados.

— Podem embarcar descansados — disse êle. Se não os incomoda, faço-lhes companhia. Tencionava ir para o Barreiro fazer uma vendagem, mas como perdi o vapor desisto por hoje...

Sobraçou uma maleta e veio connosco meter-se no vapor de Cacilhas que já dera o sinal de partida.

Entretanto, nós ruminávamos no estranho caso a que vínhamos de assistir. Que poder assombroso seria o daquele homem franzino, de face inexpressiva, olhos castanhos e cara rapada, cara de pessoa que talvez não pudesse com o peso esmagador desta vida de carestia, miséria e aflições do nosso tempo, para assim ordenar ao céu a suspensão das águas prestes a desprender-se sobre os incantos? Que maravilhosas artes seriam as suas? Teria pactos com o diabo?

Carlos da Fonseca pareceu adivinhar o nosso pensamento e acudiu solto ao encontro dos nossos desejos.

— O senhor ficou surpreendido com a minha atitude, não é verdade? É porque não me conhece. Eu chamo-me Carlos da Fonseca e sou caixeiro de praça. Vendo sabonetes, pentes, chá, café e outras utilidades por Lisboa e arredores. É esta a minha vida material. Mas isso pouco lhe importa. O que lhe deve merecer interesse, porque já adivinhei que o senhor é muito espiritual, é a minha vida divina. Chamo-me Carlos Servo de Deus. Exerço sobre a Terra, tanto quanto em minhas forças cabe, a vontade do Pai. Meu Pai é Deus, o Pai espiritual de toda a humanidade.

Ficamos elucidados e silenciosos. O vapor de Cacilhas vogava docemente sobre as águas tranquilas. E os olhos profundos do Servo de Deus fitavam obsessadamente as ondas airoas e a es-

CUJO NOME TERRENO
É APENAS CARLOS DA
FONSECA SERVE-SE DA
"ILUSTRAÇÃO,, PARA
PROCLAMAR AO MUN-
DO OS DIVINOS PODE-
RES QUE O PAI LHE
CONCEDEU

puma alvíssima que o barco produzia com sua marcha.

— Você, Carlos — dissemos-lhe — está pensando em qualquer coisa de extraordinário, de divino.

— Assim é, meu caro — respondem-nos êle, sem desfilar seus olhos de iluminado da toalha líquida que nos cercava. — Pensava no dia bendito em que o Pai me dará poder para marchar, como Jesus, sobre as ondas do mar.

— E tem esperança?

— Tenho, porque, de momento para momento, eu sinto que os meus fluidos vitais se vão tornando mais fortes e que chegarei a realizar maravilhas que deixarão o mundo assombrado.

oito pessoas de uma só vez, e curas isoladas tenho-as realizado sem conto. Posso, de algumas, desvanecedores atestados.

— E há muito tempo que faz essas maravilhas?

— Há três anos apenas. Só há três anos sou cristão. Conto tanto tempo de cristão como de existência tem o templo protestante da rua Febo Mons onde prego e oro. Foi aos trinta e três anos de idade que a Verdade Suprema se me revelou. Trinta e três é um número significativo.

— Cabalístico — comentámos.

Carlos Servo de Deus pareceu-nos de novo não ter compreendido o termo e passou adiante.

— O meu poder revela-se através dos acontecimentos mais insignificantes. Viu há pouco a minha influência sobre o tempo, não é verdade? Como vê o sol já tenta romper as nuvens.

Efectivamente o horizonte, que êle fitava enlaidado, apresentava uma face mais prazenteira.

— Pois bem — proseguiu — von agora dar-lhe mais uma pequena prova do meu poder. Quero convencê-lo. Dê-me o seu pulso, faz-me favor.

Oferecemos-lhe o braço, na persuasão de que êle iria verificar se tínhamos febre. Ranganámo-nos, como a seguir se demonstra.

— Não sente uma impressão estranha pelo corpo? — inquiriu êle com um sorriso superior. Não, não sentíamos impressão alguma.

— É extraordinário! — exclamou o Servo de Deus intrigado. — Ou você é um espírito muito forte, ou as águas do mar têm influência no caso.

O barco encontrava-se já perto da Outra Banda.

— Em regra — elucidou-nos — as pessoas a quem aperto levemente o pulso sentem como que uma corrente eléctrica percorrer-lhes os nervos.

Nós nada sentíamos, talvez porque não possuíssimos nervos. Enfim, aquela nega do nosso temperamento nem de leve sequer abalou a confiança que já tínhamos nos fluidos vitais e divinos do nosso recente e estimado amigo.

Saltamos no cais de Cacilhas, alegres e cheios de apetite para o almoço, que fomos procurar em uma casa ampla, baliçosa de freguezia, à beira-rio. Carlos mostrava-se tão ou mais contente do que nós, não abandonando a sua conversa predilecta acerca das coisas espirituais e divinas.

Quando veio a ementa, na pessoa de um criado afável, que recitava de cór as ignárias que perfumavam o ambiente, Carlos, dobré de caixeiro de praça e de profeta, escolheu espiritualmente lulas de caldeirada.

— Bravo! — exclamámos. — Você tem gostos que se ajustam perfeitamente aos meus!

Esfregou êle as mãos de contentamento e, entre sorridente e misterioso, enquanto sobre a banca acçada surgiam a toalha alva, os pratos, o pão e o vinho, murmurou:

Disse Jesus:
Amar o vosso proximo
como a vós mesmos



Disse Jesus:
Erraes não conhecendo
o poder de Deus nem
as escrituras.

**CARLOS
SERVO DE DEUS**

DONS
Curar, Petições e Sabedoria Divina

Rua Bartolomeu da Costa, 6. 1.^o
Sapadores

LISBOA

O que já alcancei é muito para os pobres mortais que vivem mergulhados na treva e na ignorância, mas pouco, bem pouco, em relação ao que o Pai espera de mim.

— É um predestinado.

Carlos pareceu-nos não ter compreendido o termo e proseguiu nestes termos:

— Tenho feito curas extraordinárias. Há tempos, em Alfécer-do-Sal, em poucos minutos saei

— O nosso encontro estava escrito. A perda do meu vapor para o Barreiro era já a força do destino a impelir-me para junto de si. O Pai tinha de enviar-me um grande jornalista (fizemos vénia) para tornar conhecidos do grande público os poderes que me atribuiu.

Chegaram as lulas louras e apetitosas e o novo profeta comeu e bebeu com divino apetite. É à mesa que as boas almas melhor confraternizam e as más, por instantes, se tornam compassivas para com o semelhante. Pairava no ar um quê de alegria. Em outra sala contígua, ao som de uma guitarra trémula chorava-se o fado; pelas mesas próximas abancavam raparigas novas, viçosas, acompanhadas de mããs obesas e papás circunspectos; sobre a nossa toalha erguia-se um solitário esguio com uma linda rosa vermelha, da cor do sangue dos mártires e dosinhos capitosos. Em cima, numa galeria, via-se um piano, que de certo aguardava dedos ágeis que lhe despertassem a alma adormecida.

Uma grande ternura a flutuar-lhe na face pálida, os olhos fitos em uma nesga da cidade que se entrevia pela porta aberta, Carlos Servo de Deus entrou em confidências mais íntimas:

— Há coisas adoráveis na vida: a Mulher, as flores e a música. A Mulher é a obra mais perfeita de Deus. A curvatura dos seios e das ancas, a graça do andar e do sorriso, o perfume dos cabelos e a atracção dos lábios — flor rubra de amor e de prazer, fazem dela um conjunto de beleza irresistível.

— É pouco espiritual o que acaba de me dizer — comentámos nós. E como é fumoso delicioso uma cigarrilha que lhe ofereceramos, acrescentámos: — Assim como o tabaco e o alcohol são incompatíveis com a elevação das suas concepções.

Carlos teve uma resposta decisiva, esmagadora de sabedoria e lógica:

— As perversões do corpo material nada têm que ver com a pureza das intenções espirituais.

Guiada por uma senhora e um cavalleiro, entrou nesse momento uma rapariga linda, muito esbelta, epiderme fresca levemente pálida, busto erecto e brando sorriso nos lábios. Era cega. Quando erguia as pálpebras, duas grandes bolas alvas rolavam-lhe nas órbitas. Apodou-se o coração de todos nós.

Carlos olhou-a tristemente.

— Se eu fosse rico — exclamou — casaria com aquela rapariga!

Levaram-na para a galeria do primeiro andar e sentaram-na ao piano. E por entre a vozearia, o brouhaha confuso que enchia o estabelecimento, irrompeu uma música suave que a desafinação das notas não conseguia alterar.

Carlos escutava embebecido.

— Vou dar vista àquela cega... — murmurou. Não lho consentimos, alegando que a vista poderia torná-la infeliz ante as imperfeições do mundo que seus olhos então divisariam melhor.

A ceguinha linda que possuía em seu rosto de linhas brandas — essa, sim! — qualquer coisa de espiritual, desceu à sala e veio comer.

Carlos não a desfitava.

— Vou dar esta rosa àquela cega! — bradou. Dissuadimo-lo ainda desta sua nobre intenção, que poderia ser tomada como ofensa pelas pessoas que a acompanhavam.

Passado momentos já de novo a conversa absorvia as atenções do nosso divino entrevistado.

— Dois países — disse ele — foram designados por Deus para redimir o mundo e, caso curioso, ambos os seus nomes começam pela letra P.

— Pela letra P?

— Sim, meu caro — corroborou ele: — Palestina e Portugal. O primeiro, nas épocas antigas, o segundo, nas modernas. Na Palestina nasceu Jesus para redimir a humanidade; em Portugal, Carlos Servo de Deus.

— É extraordinária a coincidência!

— Eu me explico — prosseguiu o novo Messias. — Vai dentro de breves anos ferir-se uma



Carlos, Servo de Deus, com o pensamento longe e o corpo... na loja...

grande conflagração entre a Inglaterra e os Estados Unidos. O mundo envolver-se-há na luta. Portugal pouco ou nada sofrerá. Rutão já o meu poder será maior. E você terá ensêjo de saber que Carlos Servo de Deus, pelos campos de batalha e sobre as águas do mar, que pizará como se fosse terra firme, se entrega à piedosa tarefa de curar instantaneamente os feridos e ressuscitar os mortos.

Para restaurar as forças combalidas de tanta emoção, pedimos sardinhas assadas. E enquanto as comia, sempre com bom apetite — benza-o Deus! — Carlos falava-nos de casos extraordinários do mundo espiritual.

— Palecram-me duas pessoas de família por quem tinha uma estima profunda e sincera: minha esposa e minha irmã. A primeira era uma santa. Eu fôra casado com uma santa sem o saber. Uma vez, ainda ela era viva, apareceu-me em sonhos, muito linda, descendo do céu, os braços estendidos para mim, o corpo envolto em vestes azuis e abanando-me a cabeça para a direita e para a esquerda. Só mais tarde vim a saber que aquelas vestes azuis eram próprias das santas.

«Com a segunda, minha irmã, succedeu outro caso estranho. No dia do seu funeral chovia a potes. À hora do enterro mandei parar a chuva e acompanhei-a ao cemitério. Antes do caixão baixar à campa propus-me beijá-la, mas no momento em que ia a fazê-lo mão oculta deteve-me. Vim depois a saber, por intermédio de uma vidente, o que se passara no mundo oculto que está para além dos nossos olhos. O espírito de minha irmã, que tinha, coitada, um grande horror pela morte, seguira até à campa o seu próprio cadáver e, ao ver que eu ia beijar apenas

um pedaço de matéria inerte, reteve-me reteve-me e evolou-se...»

Este caso deixou-nos estarelecidos e quando sacudimos o torpor em que o estranho recitativo nos mergulhava, verificámos que era noite e bem noite e, se não corressemos, perderíamos o último vapor para Lisboa.

DOCUMENTARIO

Do que acima se explanou fielmente há muitos documentos comprovativos. De entre eles resolvemos dar apenas dois à estampa, de cuja autenticidade não é lícito duvidar.

DECLARAÇÃO

As 20,15 do dia 28 de Outubro do corrente ano, estando eu velozmente alacado de uma paralisia no lado esquerdo do peito, bem como umas pontadas nos quadrilares lombálicos do peito, e diversas equimoses no torax, fui imediatamente socorrido pelo enviado de Deus, o sr. Carlos da Fonseca, que delicadamente me locou com os seus divinos dedos e me deu cura imediata.

Este caso que se passou no Royal Stand causou o maior assombro perante testemunhas que ficaram obtusos e obnoxios, para o que juro pelos meus graus ser verdade o que acima expôno.

A declaração supra que aatesto em público e raso, pode ser publicamente notificada para o que dou todos os plenos poderes ao distinto curador sr. Carlos da Fonseca, pellicula divina do supremo Criador.

Lisboa, em 28 de Outubro de 1928.

Ao rogo de Joaquim Miguel — Augusto Semel Pereira — Eleulério Bruno.

MEMÓRIA DESCRITIVA EXTRA

Julio Oscar Saavedra, natural do Boilhão, residente no Pórtio e de passagem por Lisboa, declarou o seguinte:

Da origem pública, isto é, na face cerebral, entre o cérebro e a medula e junto ao nervo de Nápoles, uma dor tensa e abstracta apouquentava-me o abdomen da cabeça e daí, as dores torturantes que eu sofria nesse momento, não cediam à aspirina nem ao azote canjoral.

Tentei os panos frios na testa, bem como as cataplasmas quentes sobre as pálpebras oculares e nem mesmo assim as dores me desapareciam.

Estando eu por acaso na Farmácia Bezelga, um amigo deste senhor, de origem espiritual, possuidor da pellicula divina aplicou-me nos meus pulsos os seus virtuosos dedos indicador e polegar e daí por instantes a dor que tanto me apouquentava, desaparecia no espaço para nunca mais voltar a torturar-me.

O poder divino do meu nunca esquecido e saudoso benfeitor o sr. Carlos da Fonseca, foi de tal maneira imperial e grandioso, que eu não pude deixar de passar o presente atestado, jurando sobre ele com a minha assinatura que passo a fazer.

Lisboa, em 31 de Outubro de 1928.

Julio Oscar Saavedra.

A autenticar este documento, que tem o carimbo do sr. João Bezelga, farmacêutico pela Escola Médica de Lisboa, Almirante Reis, 22, com os seguintes dizeres a tinta vermelha: «Corroboração a Injeção Infalível», existe a seguinte declaração do mesmo farmacêutico: «Declaro por Carlos Servo de Deus que este é cá dos meus».

E sobre este melindroso assunto, ao jornalista nada mais compete escrever.

MÁRIO DOMINGUES.

UMA GRANDE FIGURA DE JORNALISTA D. TORCATO LUCA DE TENA

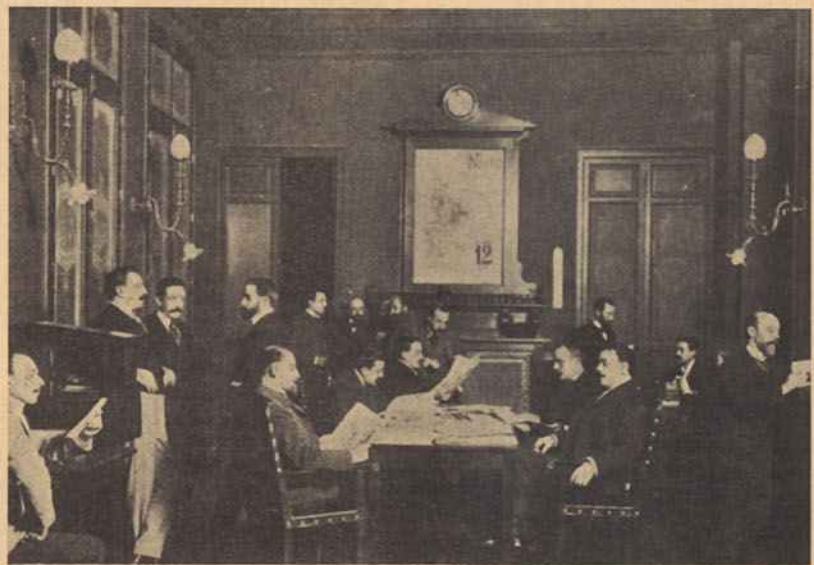


D. Torcato Luca de Tena

Nasce-se jornalista como se nasce poeta. Eis uma asserção que escapou a Horácio por ter vivido num tempo em que não havia jornalistas!... E Luca de Tena, esse nasceu realmente com a paixão pelo jornalismo. Aos treze anos já se arvorava em director dum periódico hoje esquecido... E daí em diante toda a sua vida foi dedicada a esta absorvente paixão dos jornais, quicá ingloria, mas, Deus louvado, portadora de inúmeras horas de alegria, horas de triunfo, horas de absorvente entusiasmo. D. Torcato Luca de Tena só quis ser jornalista e nada mais. A política, o governo dos povos, as mil e uma misérias dotradas de que se compõe a existência da maioria, deixaram-no indiferente. Nasceria para os jornais e para eles quis viver. Deus fez-lhe a vontade e, quando o chamou a Si ainda

D. Torcato Luca de Tena — ao tempo elevado ao marquesado do seu nome por merecê de um grande rei — ainda era jornalista. E raros como ele compreenderam a grande missão que lhes cabia. Dizia esse grande pontífice que foi Pio X,

cos, o jornalismo foi um sacerdote — palavra, aí de nós, tão desacreditada sobretudo pelo que respelta a lides de imprensa! — D. Torcato Luca de Tena, cuja personalidade o nosso redactor em Madrid, Novais Telxela, fôcou mais



A primeira redacção do Blanco y Negro

que, Si Paulo se vivesse hoje seria jornalista. Pois bem: D. Torcato Luca de Tena compreendeu bem a responsabilidade da profissão que elegera. Para Ele, mais do que para a grande maioria dos que trabalham em periódicos,

abaixo com justeza e elevação, foi um exemplo de jornalistas, íntegro, patriota na verdadeira acepção do termo, e apaixonado da sua nobre profissão. Isso nos basta para lhe dedicarmos a justíssima homenagem a que por todos os títulos tem direito!...



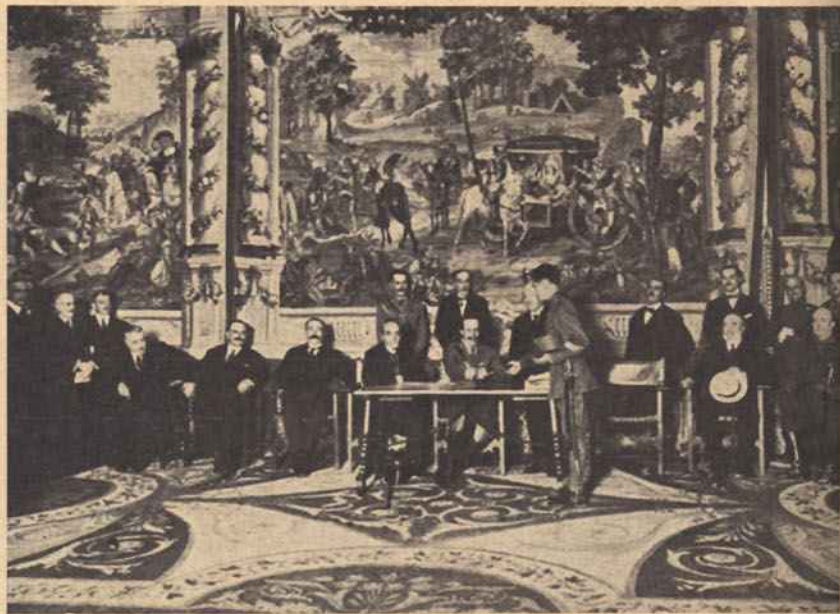
O grande jornalista entre a falecida Rainha Cristina e o Infante D. Fernando por ocasião duma visita às oficinas do Blanco y Negro e A. B. C.

Com a falecimento do ilustre director do Blanco y Negro e A. B. C., de Madrid, a Espanha acaba de perder uma grande figura de patriota, e o jornalismo espanhol — hoje lançado à atenção universal, graças ao magnífico esforço deste incansável batalhador — um dos seus nomes mais eminentes. Rompendo no seu país com aquela imprensa rotineira, que tão vasta e demorada representação teve entre nós, mais ou menos apegada a grupos partidários e aos interesses que deles dimanavam, Luca de Tena fundou o primeiro jornal espanhol de carácter puramente industrial, abrindo novas sendas de informação e cultura. A imprensa, obedecendo a uma necessidade pública que reclamava outra orientação informativa e fórmulas mais amplas de educação e conhecimento, não podia estar adstricta ao velho preconceito político, que, exigindo suspensas limitações em defesa e consolidação de determinadas conclusões, impedia a visão clara do successo quotidiano

e a análise da ideia imposta à especulação moderna. E até que surgiu o *A. B. C.* nunca a Espanha teve um órgão com esta alta significação, órgão que depois viria a ser, mercê dos seus aperfeiçoamentos gráficos e justa compreensão das curiosidades actuais, verdadeira fonte de inspiração e valioso repositório de normas para toda a imprensa europeia. Nisto, Luca de Tena, sendo um precursor, teve a percepção exacta das exigências do seu tempo.

Mas, como todo o grande jornal, o *A. B. C.*, sempre atento às múltiplas e complexas facetas da actividade nacional, não podia ser alheio à actualidade política, e assim o compreendeu o seu director. Porém, a nota política do importante diário madrileño, nunca esteve subordinada a preocupações de interferência directa e immediata na governação do país, que Luca de Tena sempre recusou, apesar de para tal ser instado repetidas vezes, nem obedeceu, em qualquer momento, à inspiração dum chefe ou às exigências dum partido. Coincidindo, nas suas linhas gerais, com os partidos conservadores espanhóis, diferenciava-se deles frequentemente em questões de detalhe sob a orientação e o critério que o saudável jornalista julgava mais em harmonia com o bem da sua pátria. Se a adesão era sincera, não implicava por isso cegueiras de incondicionalidade, que pudessem acaso sujeitar o pensamento e a consciência a fórmulas rígidas e inflexíveis, que, por via de regra, não reconhecem circunstâncias e oportunidades que o tempo vai lançar além do perímetro da sua obstinação.

Convictamente monárquico e intransigentemente católico, a religião e a monarquia não eram para Luca de Tena princípios abstractos a que a inteligência se liga pela simpatia da doutrina ou a que a alma se entrega pela virtude do dogma. Não! Religião e Monarquia — assim o entendia ele —



A distribuição do agualado do soldado de Marrocos em 1921, por subscrição do *A. B. C.*, com a assistência de D. Alfonso XIII e do governo de então, vendo-se D. Torcato Luca de Tena à esquerda do Chefe de Estado



Entrega duma casa socorrão por *A. B. C.*, pelos operários, com a assistência de D. Alfonso XIII

são dois princípios estruturalmente nacionais, dos quais não se podem desligar as altas

destinos duma Espanha Maior. E intransigentemente católico e convictamente monárquico, foi sempre o *A. B. C.* por um sentido político e objectivo, que não o desinteressou, portanto, da trajectória evolutiva do pensamento actual.

Sobre muitos outros jornais de significação doutrínaria mais avançada, o órgão de D. Torcato Luca de Tena distingue-se por um critério de amplitude e generosidade intelectual, que não resta à educação popular e ao entendimento dos seus leitores nenhum elemento de benéfica provisão ou de profícuo esclarecimento. A cabida nas suas colunas de firmas literárias bem conhecidas pela sua ideologia oposta é uma prova evidente de que, para se beneficiar das qualidades do alheio, não é necessário exigir-lhe o juramento da nossa própria fé. Homens de significação política tão destacada como Blasco Ibañez e Gregório Marañón tiveram no *A. B. C.* colaboração assídua, e um dos seus mais brilhantes colaboradores, colaborador também desta revista e nosso querido amigo, Wenceslao Florez, a quem se deve uma das sátiras mais cruentas que se tem escrito sobre o princípio da realeza, encontrou um dia na casa do *A. B. C.* protecção aberta ao seu talento e ao seu humor. É este o principal aspecto que leva a memória de Luca de Tena ao nosso respeito e admiração. O *A. B. C.*, sendo, pela sua ideologia, um dos jornais mais achegados aos princípios tradicionalistas, é hoje, indiscutivelmente, graças à compreensão clara e activa do seu fundador, o jornal mais liberal da Espanha.



Um aspecto do funeral do grande jornalista D. Torcato Luca de Tena

PAISAGISTAS DE DEPOIS DA GUERRA

O PINTOR HEITOR CRAMEZ



O pintor Heitor Cramez

O pintor Heitor Cramez nasceu em Vila Rial. Esta indicação não desce do bico da minha caneta para ter o valor duma indicação de certidão de idade. É bastante diferente... Vila Rial, a clara-boia do Marão, o último degrau da serra que embarra com a cabeleira dos seus pinheiros no céu, tem, na vida artística de Cramez, o aspecto duma janela, aberta e muito ampla. Os olhos de Heitor Cramez sonharam, debruçados na larga janela da sua terra, com as grandes distancias espirituais; dos peitoris dessa janela que é uma linda cidade, fitaram, inquietos, o nevoeiro, sempre diferente e sempre eterno, que veste de seda cinzenta, muito transparente, todo o dorso do Marão. B, foi olhando essa névoa misteriosa, permanente, que seus olhos tiveram apetites, desejos, saídos da sua alma, de ser pintor!

Cramez chegou, apareceu, então, na Escola de Belas Artes do Porto, com uma interminável bagagem de esperanças. Estudou. Aprendeu, sem faltas, sem descuidos, como se costuma aprender, entusiasticamente, quando, dentro de alma, há um grande farol de Fé. O seu entusiasmo saltou por cima de todos os obstáculos. Chegou, pela tenacidade, até ao ponto mais alto, alcançou o diploma difícil, que é ambição de todos os alunos das escolas de Belas-Artes: A classificação de pensionista do Estado — o bilhete da felicidade, a sorte-grande de Paris e Roma!

Foi há dois anos, ao cimo da rua 31 de Janeiro, da rua que, nos fins de tarde, é uma vaga lembrança do Chiado de Lisboa, que conheci o pintor Cramez. Simplifico-lhe, muito propositadamente, o nome para estar um pouco mais de acôrdo com a estatura. Creio que os nomes intermináveis lembram somente muita gente e, de modo nenhum, podem testemunhar, certificar, o cérebro a que pertencem. Um nome extenso pertence, na generalidade, — salvam-se as excepções — a homens altos, agigantados. A Heitor Cramez fica bem, embora a sua arte mereça um grande nome de extensão geográfica, só o seu sobrenome, que é, segundo creio, bastante original na nomenclatura nacional. E assenta-lhe muito bem, porque Cramez não é quasi nada mais que baixo... É um homem pequeno que tem, contudo, o coragem de ser um grande artista.

Fiquei, desde esse fim de tarde, a conhecer o artista e, passaram-se alguns meses, sem ter ensejo de conhecer a sua arte. Até mim, foram chegando, porém, algumas informações. De vezes-em-quando, alguns meus amigos e artistas apontavam o dedo para certas pessoas mais intimas do artista que lhe possuíam alguns quadros de grande maravilha. Mas passava-se adiante, e falava-se sobre outro assunto. É quasi uma tortura ouvir-se citar, constantemente, um livro ou um quadro, que não possamos ler, que não nos seja possível admirar. Foi assim, que tinnou vulto na fogueira dos meus desejos a preocupação de ver de frente, de ver de muito perto, um só, um qualquer trabalho do pintor em que me falavam, às esquinas das ruas e nos clubes de toda a gente, nesses clubes onde se tem, sempre, uma cadeira pela insignificância do preço dum café... Chegou, por isso, a ser em mim uma preocupação de alma o tra-

var relações com obras do pintor que era assunto indispensável em todas as tertulias. Fosse desejo levou algum tempo a tornar-se realidade. Entretanto, eu olhava, demoradamente, na vasta peregrinação dos passeios, a figura do artista. É uma figura que parece ter receio dos olhares de estranhos. Cramez, afogado num sobretudo escuro, de passo vagaroso, de passo muito pensativo, não fita, não olha, demoradamente, ninguém. Passa por entre a multidão que se exhibe nos longos e esguios *écrans* dos passeios num grande recolhimento e com um ar de modéstia espreitando no rictus severo do seu rosto. Fala pouco. Evita falar de si. R, raramente, fala da sua arte. As suas palavras parecem fechadas, — por modéstia, decerto — no subterrâneo das suas preocupações.

Certa tarde, um amigo que me encontrara a falar com Cramez, puxou-me pelo braço quando me despedi do artista, e levou-me até sua casa. Para além da sua porta, numa saleta cheia de livros, bordada de quadros, apontou-me um quadro em cujo caixillo palpitava o drama duma paisagem de Outono.

— É uma das obras do Cramez, que eu lhe comprei a-quando da sua primeira exposição, há anos, no Ateneu Comercial do Porto, — disse-me esse meu amigo, que se empenhara em levar-me até em frente dum quadro do pintor que eu conhecia sem conhecer a sua obra. Sem palavra, fitei, então, o quadro com os olhos da verdadeira atenção. A primeira impressão, sob aquela luz difícil e refractária, foi nula. Passado um ápice, eu alcancei, porém, toda a vasta interpretação da paisagem que olhava e que me olhava. Os pinceis do artista que interpretara, que traduzira em cor, aquela nesga de campo eram, sem dávida nenhuma, os pinceis dum grande paisagista e dum grande pintor, que tinha, ao contrário da maior parte, a coragem de ter uma mocidade.

Estes meus juízos, estas minhas opiniões não levaram muito tempo a passar pela metamorfose das opiniões definitivas. Foi na segunda exposição de Cramez, realizada no Salão Silva Porto, que eu cheguei, mais amplamente, até um juízo absoluto sobre este artista.

O melhor elogio de Cramez foi feito, natu-



O retrato da esposa do pintor



Poeta nesta tela a poesia das horas quietas

ralmene, pelo inigualável sucesso dessa sua segunda exposição. Todo o Pôrto que tem olhos para a Arte passou em frente dos seus quadros. Pela concorrência e pelas vendas — dois gratos e felizes atestados — o nome deste pintor ficou, justamente, ligado ao melhor, ao primeiro prêmio dos êxitos das exposições deste ano. Faltou, segundo creio, fazer o verdadeiro estudo da personalidade do artista.

Não é esse, evidentemente, o destino deste artigo. Eu pretendo, somente, fazer o esboço da crítica que, mais tarde ou mais cedo, é necessário fazer da obra, da grande obra de Camese. Declaro desde já que este pintor é, de entre todos os paisagistas portugueses, o que mais novos horizontes está a abrir à nossa pintura. Antes dele, os paisagistas consagrados e os que os imitam por não terem a heróica de ter personalidade, copiavam, quasi sempre, a Natureza. Nunca a interpretavam com o máximo da realidade. Ora é isso, precisamente, o que Camese tem a coragem e o talento de fazer. As suas tintas não são, como são para a mais numerosa família dos nossos pintores, tintas para fazer fotografias... O artista mostrou, declarou bem amplamente nos numerosos quadros da sua segunda exposição, que não olha para a

Natureza só para a copiar, mas, principalmente, para a traduzir através a sua sensibilidade de poderoso criador de emoções e vibrações coloridas.

— Numa das noites mais vizinhas desta Primavera, o pintor Camese acorreu, a meu pedido, as memórias que trás dentro de si dos anos et. 1 que foi pensionista do Estado em Paris. Essas memórias formariam, de certo, um grande e volumoso livro. Porém, este artista que fala de vagar, que fala com receio, deu-me, somente, algumas páginas...

— Cheguei a Paris alguns meses depois da Grande Guerra. Foi o período mais difícil. Foi o calvário de todos os pensionistas. A França estava de luto; não tinha as boas esperanças para nós dos grandes compradores...

— E, contudo, você andou, trabalhou!

— Todo o meu trabalho foi, porém, um tra-

balho de olhos... Durante quatro anos de Paris, por que não tinha atelier, as minhas mãos estiveram, quasi sempre, paradas... e os meus olhos andaram em viagem permanente por todos os museus, pelas margens do Sena e por todo o Paris que tinha sol!

— Diga-me: Quais foram os outros artistas que junto a você fizeram esse estágio de Paris?

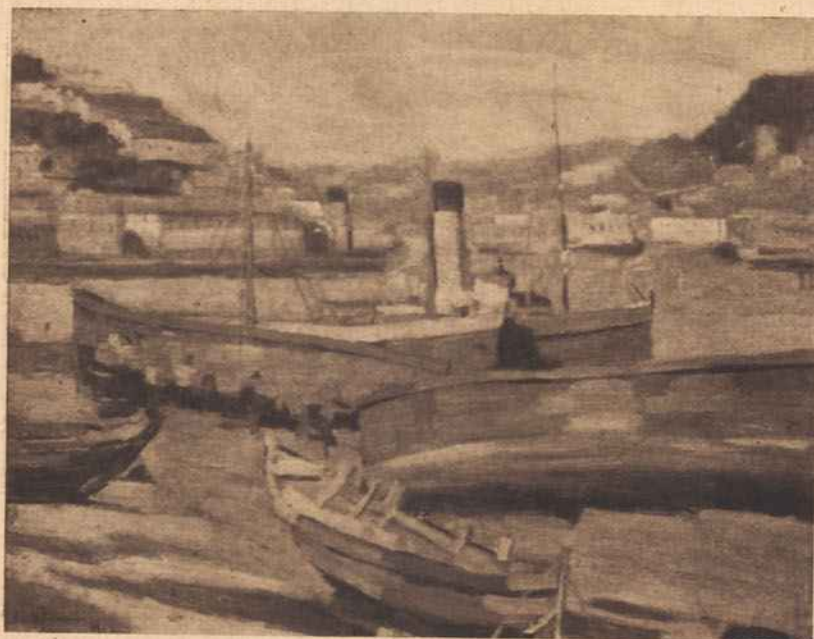
— Poucos. Porém, quasi todos são artistas em que Portugal deve confiar. O escultor Franco, o pintor Manta, o Dordio, e outros...

— E com eles fez você um pouco a tradicional boémia que é penitência infalível de todo o artista que se demora na capital da França...

— Não, não pudemos fazer essa vida em que há, sem dívida, originais emoções, mas que exige dinheiro!... Faltou-nos, sempre, essa poderosa qualidade... Passávamos a maior parte do tempo a correr para o consulado e para a



Um dos últimos quadros do artista



Um quadro em que há drama e cor

legação, à procura dos subsídios... Portugal, que nunca se lembrou a tempo das nossas necessidades, chegava, nas insignificantes importâncias que nos enviava, muito atrasado — muito depois do fim do mês! Toda a nossa boémia se resumia, por conseguinte, em agrodáveis e demoradas conversas nas mesas do café La Rotonde. Por lá, vi eu passar, muitas vezes, com igual situação o célebre Fongita — o que, hoje, é rico e tira retratos em pijama em Deauville...

— Não são, certamente, boas recordações as que trouxe de Paris...

— É verdade. Não são daquelas de que mais se gosta...

— Mas, você não casou com uma senhora parisiense?

— Assim é, realmente.

Disse adeus a Camese no momento em que acabou de responder-me. A Praça da Liberdade, onde nós, os dois, tínhamos conversado, estava já despida de movimento. Fugiam os últimos «electricos» com os transeuntes retardatários. Camese seguiu em direcção oposta à que eu tomei. Longe, à esquina duma rua, voltei-me para olhar o vulto de Camese que é um homem um quasi nada mais que baixo... Nesse momento, porém, a sua estatura pareceu-me — como, afinal, ela é... — a dum grande pintor — a do nosso mais moderno pintor, a quem Paris não ofereceu emoções extravagantes mas a quem deu a consagração duma alma feminina, — a consagração da sua mulher!



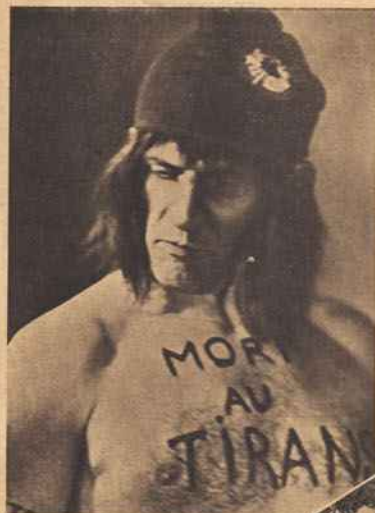
SÔBRE LISBOA, MARAVILHADA E ATÔNITA, PAIOU NA QUARTA-FEIRA, 24, UM DOS PRODIGIOS DA MODERNA ENGENHARIA: — O DIRIGÍVEL «CONDE ZEPPELIN», QUE O SÁBIO CONSTRUTOR DR. ECKNER LEVOU A CABO E DIRIGE. LISBOA VIU PELA PRIMEIRA VEZ UM ESPETÁCULO QUE NUNCA MAIS ESQUECERÁ E QUE O LÁPIS DO GRANDE ARTISTA, QUE É STUART CARVALHais, FIXOU NA IMPRESSIVA MANCHA QUE AQUI REPRODUZIMOS.

N A P O L E ã O

A EPOPEIA DAS ÁGUIAS IMPERIAIS INTER-
DANÇA — A TRANSMISSÃO, EM IMAGENS,
DA IDADE MODERNA — O «TRIPTICO D
CIO DUMA NOVA ERA NA REPRODU

cinema perden, arrebatado pela morte, onson em «Agonia das Águias», fora a epopeia napoleônica através a sua sanidade, realizando-a, em evocações grandiosas, num estudo profundamente belo da vida dos «semi-soldes», os últimos «grognauds» do Imperador. Esse filme, que marcou uma época, só foi excedido em verdade e preocupação de rigor pela formidável película «Napoleão» de Abel Gance, o mago que gerou, no seu cérebro privilegiado, «A Roda», e outros poemas visuais dos mais belos do cinema. O grande encenador francês empreendeu, não um romance histórico filmado, mas sim, honestamente, e respeitosamente, a reprodução em imagens de verdade sobre a vida de Bonaparte. E ao pensar a realização formidável não hesitou ante as dificuldades: começou pela infância do pequeno Corso e seguiu-lhe, passo a passo, a vida de maravilha.

Em três anos dispendeu Gance 30 milhões de francos no serviço do seu ta-



Um dos desenhos característicos da obra de Gance.

A vida de Napoleão I, essa novela vivida que vai desde os primeiros lampejos de audácia do tenente corso até a sombria morte em Santa Helena, passando pelo Império do Mundo sonhado em Iena e cujo sol banhou os campos de Ansterlitz, a novela formidável do «Petit Caporal», tem tentado os maiores realizadores do cinema. Mas todos eles vão reproduzir, fatalmente, a parte, mais espectacular da vida do genial cabo de guerra, isto é, Napoleão Coronel e Napoleão Imperador. Só, há muitos anos, Severin Mars, o mímico genial que o



Uma casa de Madame Récamier. Bonaparte joga a xadrez com um oficial da esquadra.

lento e obteve um filme de 10,000 metros que termina, justamente, quando, à volta da campanha de Hália, o mundo presenciava, ultrado, o triunfo de Napoleão. Ficam ainda, portanto, na sombra, em projectos futuros, Napoleão Conselheiro, Napoleão Imperador, Napoleão em Santa Helena. E pode avaliar-se do rigor e do desenvolvimento dado à parte filmada comparando a soma dispendida e a metragem do filme, com a soma de cenas reproduzidas. Numa rajada de imagens, de veemência espontânea,



O triângulo trágico. Danton, Robespierre e Marat.

L E ã O

PRETADA PELO GÊNIO DE ABEL
DA MAIS COLORIDA EPOPEIA
E PROJEÇÃO» SERÁ O INI-
ÇÃO CINEMATOGRAFICA?

Gance, um gênio tumultuoso e magnífico, faz desfilarem ante os nossos olhos maravilhados, a infância do Corso, a revelação do seu gênio militar, o início da Revolução de 1789, a fuga da Corsica, o cerco de Toulon, a célebre «bateria dos homens sem medo», o terror, o triunvirato trágico, a morte de Marat e a execução de Danton, o Thermidor e a queda de Robespierre, a aparição de Joséphine de Beauharnais na vida de Bonaparte, Madame Tallien, Napoleão e os convencionais, Madame Recamier e o seu «salão», o exército de Hália e o seu generalíssimo quasi imberbe, a campanha de Itália e o triunfo de Bonaparte. E tudo realizado com uma verdade e um esplendor nunca igualados. Os melhores artistas europeus, Albert Dieudonné, Gina Manes, Antoine Armand, Armand Bernard, Suzana Bianchetti, Marise



Bonaparte e Madame Joséphine de Beauharnais.

película, batalhas e multidões, não no exiguo espaço do écran mas em três écrans contíguos.



NO OVAL: — Em dois quadros mais entusiasmadamente trágico da obra-prima de Abel Gance. Marat, o revolucionário atrevido do Conde de Artois, arrastado em dilação, é morto no banho pela mão Justiciera de Cathoia Corlay.

A DIREITA: — Bonaparte romancista das campanhas de Itália, o generalíssimo «quasi imberbe» retratado pelo grande Gance, teve a interpretação a arte maravilhosa de Albert Dieudonné, que aqui, sempre na sua impressionante interpretação de «O Grande Corso».

Damia, Amabella, Susy Vernon, Edmond Van Duels, Genica Minirio, Koubitzki, Nicolas Kolbe, etc., deram o seu concurso a esta obra-prima.

E nela se apresenta, pela primeira vez, ao público, o triptico de projecção, criação de Abel Gance, e que consiste em reproduzir os grandes quadros da





Entrada principal do pavilhão da Argentina.

Sevilla, a cidade admirável, relicário das glórias hispanas e museu das suas artes, se embelleza de dia para dia e se transforma, por arte de magia, numa cidade cheia de encantos e atractivos modernos, que, unidos ao pitoresco e artístico que soube respeitar, será, e o é já, sem dúvida, uma cidade única no mundo.

Cabe ao general Primo de Rivera o orgulho de dizer que foi ele, quem passando por cima de tudo e dando os créditos necessários, deu vida à idea da Exposição Ibero-Americana, incluindo-a no seu vasto plano de politica internacional e de aproximação ibero-americana, e atraindo a atenção de todos os países para Espanha com motivo das duas magnas Exposições que daqui a dias se vão inaugurar.

E temos esta inauguração como um êxito certo, a-pesar da campanha difamatória que contra a Espanha se está fazendo por elementos estrangeiros e por espanhoes, que se deixam levar pelos seus ódios, sem verem o prejuizo que podem ocasionar ao seu país.

Os que residimos aqui e temos occasião de estar um pouco em contacto com a opinião pública de outros países, temos a obrigação de desmentir esses boatos e dizer lealmente o que vemos... E o que vemos é que em Espanha existe um bem estar como em poucos países do mundo, que há um entusiasmo enorme por trabalhar e uma fé cega na obra do actual governo, presidido pelo illustre general Marquês de Estella, que se encontra no governo e em todas as esferas,

A MARAVILHOSA DE UMA SEVILHA PERANTE A EX



Vista da interior do pavilhão do México

por homens novos, trabalhadores, cheios de amor à sua pátria e ao seu rei. Há, é verdade, um pequeno grupo de descontentes,

que, com tal de apregoar o seu ódio não têm inconveniente de entregar-se em mãos de estrangeiros que odiam a Espanha e aos que não lhes convém o seu brilhante desenvolvimento actual... E eis tudo.

Mas voltemos à E. I. A. e a Sevilla, que no dia 9 de Maio, dia em que será inaugurado o magnifico certame, se verá abarrotada de espanhoes e estrangeiros que virão contemplar um bellissimo espectáculo, como será o da inauguração, e admirar as maravilhas desse recinto da Exposição presidido pelo Pavilhão de Espanha, que tem à sua direita o Pavilhão de Portugal, um dos mais interessantes pela sua arquitectura estilo D. João V e que encerrará uma magnifica exposição da Arte, da Indústria e dos productos coloniais.

Dos pavilhões estrangeiros, os que mais despertam a atenção são o de Portugal, que há um grande interesse em ver pronto e poder ser visitado já com tudo instalado; o do México, muito interessante na sua arquitectura azteca e mais interessante ainda no inte-



Vista parcial do Palácio de Espanha na Praça de Espanha

TRANSFORMAÇÃO CIDADE

POSIÇÃO IBERO-AMERICANA

rior, que tem pinturas um pouco infantis na forma e no assunto, mas que são originalíssimas e uns relevos e baixo-relevos muito interessantes. Também o da Argentina atrai a atenção com o seu aspecto colonial espanhol, interiormente rico em mármore e em talhas, com umas pinturas maravilhosas de Gustavo Bacarissas, o pintor sevillhano de quem brevemente nos ocuparemos numas crónicas de arte que queremos dedicar a este pintor e a Grosso, Santiago Martínez e a outros mestres da escola sevillhana.

O Pavilhão do Brasil é de estilo colonial português, mais modesto que os anteriores; tem um belo claustro não tão belo nem do tamanho dos claustros do pavilhão português, mas elegante e artístico. Tem uma magnífica coleção de madeiras originaes, muitas das quais servem de sobrado, entrelaçando madeiras diferentes e que é um trabalho muito interessante.

Também apresenta uma vasta colecção de minerais e de peles de animais originaes do



Monumento a Becquer no Parque Maria Luísa

Brasil e o seu primeiro automóvel, um camião, todo êle construído no Brasil com materiais brasileiros.



Vista parcial do pavilhão da Companhia Telefónica Nacional de Espanha



O típico bairro de Santa Cruz. — Uma casa da praça de Dona Elvira

Num dos nossos passeios por esse jardim de sonho que é o Parque de Maria Luísa, cheio de fontes sevillhanas, ricas de cores, e de avenidas sombrias e vastas que lembram o «Bois de Boulogne» e onde está a famosa estátua-monumento a Becquer, o poeta favorito da mulher espanhola, o poeta sonhador e romântico que tão deliciosos versos nos deixou, que tem no seu monumento esculpidas três lindas mulheres, as três graças, e que descansa sob uma árvore muitas vezes centenária, nos sentimos atraídos por uma música estridente produzida por uma grafonola moderna que toca valsas ligeiras ou essa música de pretos, hoje de moda, e guiados pelos sons vamos dar com o Pavilhão dos Estados Unidos da América, melhor dito com um dos pavilhões, porque este país tem três pavilhões, todos êles pequenos, sem arte interessante, mas no interior ricos e cheios de comodidades. Entramos no Pavilhão Central, que é uma espécie de ministério, cheio de dactilógrafas, de empregados. Recebem-nos amavelmente e nos convidam a visitar os outros pavilhões, um dêles de instalações electricas onde nos dão um concerto e no outro, um animatógrafo para a exhibição de filmes da indústria, produção, comércio, etc., norte-americanos.

Mais práticos que os outros países preferiram trazer-nos os seus filmes para nos mostrar o que têm sem precisar transportar as maravilhas das suas indústrias, que não teriam espaço para expôr.

Saindo do pavilhão dos Estados Unidos, nos internamos pelos jardins do Parque Maria Luisa cheio de bancos de azulejos que irradiam as suas côres e se reflectem sob os raios do sol já cálidos do mês de Abril sevilhano, e vamos dar com umas casinhas que por fóra parecem de bonecos.

São os cinco «bars-cabarets» que a mesma empresa proprietária do «Plantation» de Paris e de outros, construíram em Sevilha, ficando com o exclusivo do Parque de Maria Luisa. Ainda estão quasi todos em obras. Só há um pronto e que já funciona com uma optima orquestra argentina, um «jazz-band» numeroso e outras atrações. Parece que começa a ser frequentado, sendo obrigatórios o «smoking» e o champagne...

Um combóio de brinquedos passa por nosso lado... É o combóio da Exposição, com as suas carruagens pintadas com as bandeiras dos diversos países que figuram na Exposição e nêle pode recorrer-se todo o recinto. Tem as suas estações, as suas pontes e tuncis... e tudo parece para bonecos... mas cabe-se lá perfeitamente e é um passeio delicioso.

Dos pavilhões de Espanha que são de uma grande riqueza material e artística, alguns já têm as suas instalações completamente prontas. O pavilhão de Africa que é uma imitação de uma alcáçova moira, é interessantíssimo, tudo feito em madeira talhada, pintada e sem pintar, azulejos autênticos feitos modernamente debaixo da direcção do illustre architecto Gutierrez Lescura, director da Escola de Indústrias indígenas de Tetuão.



Palácio da Agricultura na Exposição Ibero-Americana

Também é muito interessante típico o de Fernando Pó.

Não queremos terminar esta nossa rápida visita a E. L. A. sem mencionar dois nomes: o do architecto sr. D. Anibal Gonzalez alma da Exposição, e autor dos projectos do Palácio de Espanha e dos outros Pavilhões espanhóis, a quem Espanha muito deve e o de D. José Cruz Conde, director da Exposição que pôs todos os seus entusiasmos na idéa, trabalhando e lutando continuamente e que pode sentir-se satisfeito ao ver realizado o seu sonho que hoje é completa realidade.

Brevemente e depois de inaugurar-se a Exposição nos iremos ocupando dos diversos pavilhões e outros motivos dêste magni-

fico certame e começaremos pelo de Portugal onde se tem trabalhado intensamente para poder brilhar no seu dia com luz própria.

E terminamos lembrando que Sevilha não tem só a Exposição com as suas obras de arte, as suas indústrias e comércio, os seus «cabarets», teatros (como o Casino-Teatro da Exposição que já funciona e que é magnífico), parque de atrações, etc., etc., senão que tem também a Catedral, com a sua bellissima Tôrre de la Giralda que namora constantemente a sua vizinha Tôrre del Oro, que tem o seu Bairro de Santa Cruz para visitá-lo e perder-se nêle uma noite de luar; os seus jardins de Murillo, os seus musens, igrejas, pátios andaluzes e o bairro de Triana que para visitá-lo é preciso passar pela ponte de Triana sobre o Guadalquivir que brevemente estará cheio de barcos de tôdas as nacionalidades que permanecerão em Sevilha para servir de alojamentos, o que sempre será preciso, a-pesar dos magnificos hotéis, género «palaces», que se fizeram últimamente, entre êles o «Alfonso XIII», pertencente ao Município sevilhano e que está considerado como único no mundo, sem que os outros novos tenham nada que invejar aos maiores «palaces» da Europa.

«Esta es Sevilha». «Esta es mi tierra», como diria eu se tivesse nascido nesta maravilhosa terra de Maria Santissima.

Sevilha, Abril de 1929.

LUIS DIAS AMADO HERRERO.

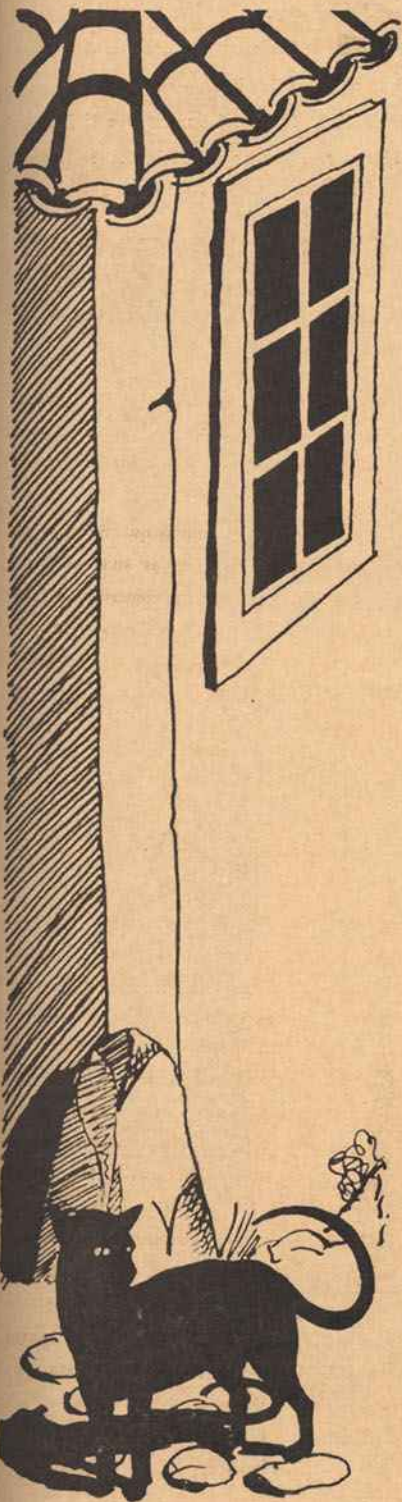


Uma vista do Guadalquivir, o rio que separa Sevilha propriamente dita de Triana

Nesses dezasete anos que vivi no campo muito ouvi falar em «diabretes».

Desde pequeno que o termo me feria a orelha curiosa. Ligada à palavra andava sempre uma ideia de velocidade e de esforço inenunciável.

Se meu pai increpava um servo por ser



Magia negra nos campos

O QUE SÃO DIABRETES

vagaroso era certo ãe queixar-se na cozinha e dizer como argumento supremo de defesa:

— O patrão julga que eu tenho «diabretes»...

Se pelo contrário era o nosso vizinho que, posto o sol, ainda labutava na courela, havia sempre quem dissesse:

— O Custódio parece que tem «diabretes»...

Eu ouvia e ficava a seismar o que seriam «diabretes».

Fui ignorando até que uma noite, no alpendre da malta alguém falando dum velhote que todos conheciam disse:

— Bem sei. É o Ti Joaquim Marques, o

que tem a enxada com «diabretes».

Era o caminho da verdade que se abria na minha frente. Fui ter com o velho e perguntei-o:

— O que são «diabretes» Ti Joaquim?

O velho encarou-me receoso. Depois deu-me a entender que se tratava de bruxarias, de coisas em que entrava o Espírito Mau. E aquilo não era para todos. Nem todos tinham coragem para os ir buscar ao pinhal da Aroeira...

— Mas o que são, Ti Joaquim, o que são? São ervas?

— Quais ervas...

— É alguma reza?

— Quais reza...

«Diabretes», no dizer do velho, eram uns animaizinhos negros, parecidos com os carunchos da madeira que o diabo em pessoa entregava a quem tivesse alma de lhos pedir cara a cara numa noite de lua nova depois de certas cerimónias rituais que não eram coisa leve. Quem quizesse ficar livre de todo

o cansaço físico e trabalhar de sol a sol sem ponta de fadiga só tinha que dispôr-se a ter coragem e a fazer o que me contou o Ti Joaquim Marques.

Era assim:

Disposto o suplicante a arrostar a presença de Satanaz teria que procurar e haver às mãos um gato preto sem um só pêlo branco. Havido o gato, que deveria ser forte e em idade de criar, preciso era também comprar um tacho grande, dos chamados de cabeça, em barro, sem vidro nem pintura e com o seu têsto competente.

Dois dias jejuaria o gato antes da lua nova



e chegada a noite em que esta fase se cumpre seria o gato levado a um pinhal onde não crescessem estevas de cruz e de onde se pudesse ouvir o sino da igreja.

Um pouco antes da meia noite e sendo já disposta uma fogueira em cuja lenha houvesse piornos verdes e palhas alhas o homem afogaria o gato lentamente até morte perfeita e sem lhe fazer ferida por onde pudesse vetter sangue. Morto o gato deitá-lo-ia no tacho e coberto com o têsto ali ficaria a torrar até à primeira badalada da meia noite. Ouvido o sino chamaria o homem três vezes pelo Diabo. Se o rito tivesse sido bem exe-



cutado certo era ao último dobre do sino surgiu do mato Satanaz em pessoa, perguntando em voz terrível o que lhe queriam a tais horas. Se o homem, à vista do anjo mau, se intimidava e tremia, ou largando gato e tacho, abalava a caminho de casa, seguia-o o diabo,



pão, se ainda para amores robustos. Ouvida a resposta entregava o diabinho ao homem um canudo de pena de corvo com uns bichinhos lá dentro, recomendando que tôdas as noites, por horas mortas, lhes desse uma gota de saliva, preceituando ainda que tal canudinho andasse sempre oculto num furo no cabo da enxada ou da foice ou num cinto de couro crú bem cingido aos rins.

Isto me disse o Ti Joaquim Marques, êsse que na voz do povo tinha «diabretes» no cabo duma enxada da Arrentela, com fôlha de dois palmos e novinha em fôlha, diziam os maldosos. Se a enxada tinha servido ou não, não posso eu afirmar; o que sei dizer é que no fim do verão, ao começarem as surribas, o Ti Joaquim era falado.

Quando o barro do corte, fendido pelo sol, feito pedra pela canícula, resistia aos embates das enxadas vulgares, havia sempre quem dissesse:

— Aqui está uma terra boa para o Ti Joaquim Marques. Isto só com «diabretes»...

As vezes o Ti Joaquim fazia parte do rancho e vendo-o suar como qualquer outro diziam-lhe:

— Oh Ti Joaquim, porque não traz você-meê a enxada dos «diabretes»?

Manso, o Ti Joaquim respondia:

— Por ora ainda não, rapazes. Depois, depois quando eu já não puder com a força que Deus me deu...

Tôda a gente admirava essa economia dos «diabretes» mas duvidar não duvidavam. Ficavam à espera de verem um dia a enxada maravilhosa.

E o tempo foi passando. O Ti Joaquim

zurzindo-o com uma vara envelheceu. Deformaram-se-lhe os dedos. As pernas foram canejando. A espinha dobrou-se-lhe mas, a despeito de enxada, ninguém conseguiu lobrigá-la nunca.

Uma tarde acompanhei ao cemitério o Ti Joaquim Marques, o que tinha «diabretes», e na volta do cortejo vim a pensar em tantas celebridades que não vingam, em tantos Messias que morrem na casca, em tantos gênios que não dão de si...

Andarão êles também, como o ti Joaquim Marques, a poupar os «diabretes»?

CASTELO DE MORAIS.



ROCHA
1929



Nas pastorais de antanho, contava-se a poesia amável da vida dos campos, a festa das sementeiras e das colheitas, e, êsses amores arcaicos, ligeiros e inocentes, que de pastores e pastoras faziam um idílio perpétuo.

Nêsse jardim florescente e folhento das mesmas vegetações clássicas, por cujas alamedas troavam os automóveis, não ecoavam, portanto, o gargalhar dos caprizes e as árias amenas das frantás. Num recanto, numa raquitica clareira pouco freqüentada, sob os eucaliptos que difundiam, inertes pela bafagem tórrida, um odor vigoroso de seivas terbenfina, estavam, assentados em três bancos esombrados e numerados, três casais: marido e mulher, dois amantes e dois namorados. Naturalmente os consorciados, quedavam-se indiferentes, silenciosos, ignorando-se mutuamente, como nós ignoramos os pés que nos levam ou os membros desleixados, quando repousamos, tão habituais nos sendo. Porque estavam ali? Haveria sido êle que propusera o passeio? Ela? Talvez nenhum dêles: «Queres sair? Pois sim. — Não queres? — Vamos lá. — Aonde iremos? — Se não queres, fique-mos. — Olha; sai tu. — Bem; vamos.» E foram assentar-se no mesmo banco. Qual fôra o primeiro? Seria êle? Seria ela? Nem sabiam. Talvez fôsem ambos, ao mesmo tempo, por êsse instinto proveniente do hábito, que tanto se afaz aos fadários, como à belesa e à bonança. Um polícia de bigode que escuchara um joelho, assoou-se estrondosamente. O marido olhou; ela também. Depois puseram-se a olhar o banco fronteiro, o banco dos amantes. O amante, com a bengala, redeminhava a terra, espicaçando um formi-

gueiro, tenaz e vivaz no seu labor perpétuo. A seu lado, a sua amante, por sé-lo, ora se assentava sobre uma banda, ora sobre outra; estava infeliz e irrequieta. De vez em quando dizia ao homem algo de muito sério e trágico, de beijo tremelhicante e olhos lacrimosos. Mas êle, igualmente desditoso e frenético, destruía as formigas na terra revôlta. Do banco dos casados a esposa notou que o amante tinha uma gravata rôxa, bonita. E disse ao marido: «Gosto da côr daquela gravata. Deves comprar uma assim». E o marido mostrou-lhe a que houvera posto nêses dia; e a esposa fêz: «Ah!... Oh!...»

Então os consorciados olharam o terceiro banco. Nêle, os dois enamorados davam-se as mãos, sorrindo; olhando-se fixamente. Então o esposo, tendo de prolongar o silêncio, disse à esposa: «Pobre homem! Olha, vê, tem o pescoço marcado de escrôfulas». E a esposa: «E ela! Assim de perfil, parece uma girafa!... Nem tem queixo... Que miséria!...» E os cônjuges, pela primeira vez nêsse dia, convergiram acoriantes, as suas faculdades inactivas; conversaram, fazendo-se recíprocas memórias dos tempos idos. E o amante, olhando os namorados, do seu banco sem ventura, contemplou-os e lastimou-os pela sua ilusão e pela sua fealdade. E como a sua companheira visse que o amante a não escutava, limpou o pranto, admirou os enlevados, o que fêz com que entabolasse relações amistosas com o companheiro. Não há nada melhor para suavisar um estado de amorosidade scénica do que contemplar uma desolação ou criticar uma farça. E os amantes falaram dos embevecidos. Riram mesmo, comen-

tando. O homem cessou de massacrar as formigas; passou a mão feliz sobre o ombro acolhedor da amante. Como se não olhavam, encontraram as suas cordiais opiniões nos dois transportados amorosos, tal como o marido e a mulher, o que, com o não falarem dêles próprios, lhes deu felicidade.

Entretanto, os esposos e os amantes, separados pelos vinte metros da municipalidade, estabeleceram uma comunhão de olhares, de tregeitos, de bichaneros. Os amantes, a convite silente e acolhedor dos matrimoniados, abandonaram o seu banco, de braço dado, venturosamente. E os quatro, romperam, um instante, os desânimos das suas existências. Os homens trocaram bilhetes de visita. E foi um jogo fraternal: «Olha o Romeu! Parece um paliteiro!» «Coitadita da Julieta; tem pêlo na cara e já é dura. Quantos anos lhe dá V. Ex.ª? — Quarenta, confessados. — E êle? — A mesma idade. — Olha! Olha! Ela tem joanetes. — E o Romeu!... Um Romeu de ceroulas!... A sr.ª D. Marcelina não lhe vê os nostros?!...»

Mas os enlevados, olhavam-se sempre, fixamente, de mãos dadas. Julgavam-se reciprocamente possuintes de vinte dedos desejosos de acarinhar.

E depois, levantaram-se; foram andando, e, enquanto andavam, olhavam o chão. Mas quando tal não faziam, olhavam-se. E êle não a via a ela; via-se a si próprio nos olhos ardidos dela. Ela revia-se nas pupilas animadas dêle, sem o vêr tão pouco.

E assim vivendo fugazmente nesses espelhos raros, desapareceram como as eternas pastorais, que são feitas de instantes áridos e fugaces que se perpetuam.

JAIMÉ DE BALSEMÃO.

(Do livro *Deuses de Liliput*).

DESENHO DE JOSÉ TAGARRO.



A Fauna recente
 POR WENCESLAO FERNANDEZ FLOREZ
 ILUSTRAÇÕES DE STUART

(Conclusão)

Era um auto-tanque, marca «Bekkers», construído para transporte de petróleo. A sua

mole achatada, cinzenta, metálica, compacta e hermética, o seu capot quasi triangular, relativamente pequeno, as rodas que se escondiam sob a protecção dum largo guarda-lama, davam-lhe certa semelhança com uma imensa tartaruga. Para acentuar o simile, o tubo de escape assomava nas trazeiras do tanque, como o breve apêndice dum quelónio. Os feixes

luminosos dos seus minúsculos faróis, agitavam-se incessantemente. Deteve-se a alguma distância do tractor e lançou um longo e pavoroso uivo que fez estremecer o engenheiro. O tractor — cabeça enorme e corpo sucinto — era como um arcanídeo de communal. Roncou com força, respondendo à sirene do «Bekkers», e durante alguns segundos, os cones de luz dum deles cravaram-se nos cones de luz do outro, em ar de expectativa ou desafio...

E, de repente, o auto-tanque precipitou-se contra o tractor, levantando no aranco a areia da planície. O *titanic* também se lançou, mas tangencialmente, esquivando o encontro, e mal tinha passado a massa do rival, arrojou-se sobre ela, com tal violência que a

parede metálica resouu fortemente e mostrou, ao voltar-se, uma ampla amolgadura.

— Isto é diabólico, Lewis — comentou o engenheiro, crispando a mão sobre o braço do chefe.

— Diabólico, Jasper. Foi assim, sem dúvida, que lutaram os monstros da prehistória, na juventude do planeta. Pode-se lá acreditar que fomos nós a origem de tudo isto?

Não continuou, porque o tanque, numa *dérrapage* habilíssima, obrigava-o a saltar, tropeçando, uns metros mais adiante, com evidente risco de se voltar de costas. Sem lhe dar tempo de se rejar, a tartaruga de aço acometeu-o outra vez, e o arcanídeo fugiu então, traçando sobre a areia uma linha quebrada. Mas, passados segundos, viam-se outra vez frente a frente, investindo com renovado ardor.

— Eh, Jasper! — propôs o industrial, com todo o entusiasmo dum homem de sangue anglo-saxão e todo o amor próprio dum fabricante. — Aposto dez mil libras pelo meu tractor. Aceita?

— Não; aposte pelo tanque e aceito.

O choque sobrevio, seco e sonoro, radiador contra radiador, separando-se novamente em cautelosa marcha atrás e novamente se encontrando. Hoppe, excitadíssimo, batia com o punho direito na palma da mão esquerda, e gritava como se estivesse de frente dum *ring*, absurdamente convencido de que o entendiam.

— Dá-lhe que ainda mexe! Um directo ao motor! Dá-lhe!

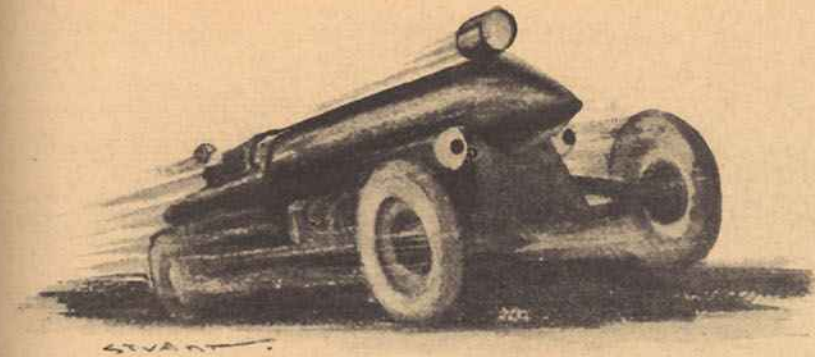
Um dos faróis do *titanic* saltara em estilhaços. O considerável peso do auto-tanque triunfava visivelmente sobre o menor peso do tractor. Os ataques deste último já não eram tão fortes, e, quando se apagou, convertido em estilhaços, o outro farol, deteve-se, recuou e pretendeu afastar-se, traçando *esses* evidentemente desorientado e cego. O tanque, então, perseguiu-o, empurrando-o bruscamente, com a indubitável e sinistra intenção de dar com ele em terra.

— fesse «Bekkers»! — rugiu o industrial. — Essa imunda chocolateira!... Querem ver que o nosso *titanic* se vai deixar vencer por semelhante carroça?

E, na sua indignação, meteu a mão por debaixo do casco para pegar na pistola. Já ia estender o braço para disparar contra o tanque, quando sobrevio um facto extraordinário que o deixou suspenso. A portinhola dum «Hoppe» de luxo, parado a certa distância do campo de luta, abriu-se, deixando sair um homem que atravessou correndo o espaço livre, e que, empoleirando-se dum salto sobre o tractor, se agarron ao volante, guiando-o, numa curva hábil e rápida, para o desviar do seu inimigo. Poude julgar-se durante alguns minutos que a intenção do indivíduo que tinha surgido de tão inesperada forma era fugir daquele sítio; mas viu-se-lhe depois fazer girar a direcção, levar o tractor, obediente ao comando, paralelamente ao auto-tanque, lançando-o, de súbito, a toda a velocidade contra o capot do «Bekkers», apanhado de esguelha por aquela inteligente manobra. Despedaçado o motor, o «Bekkers», impellido pela terrível catadupa, inclinou-se e caiu, fazendo tremer a terra. A sua poderosa sirene lançou então gritos de natureza tal que nunca tinham chegado a ouvidos humanos. Eram como lamentos de dor, agonia e cólera. Prolongados, nulantes, temíveis. Como poderia lançá-los um automóvel com a meningite. (Esta foi a observação que mais tarde fez Harrison). Depois, o espantoso tom tornou-se mais lamentoso mais apagado... e extinguiu-se.

Quando se deu o choque definitivo, o homem que manejava o tractor — guia dum monstro guerreiro — saíra disparado por cima do volante. Traçou uma secção de parábola e caiu ao lado da planície, no mesmo sítio onde os ventos acumulavam em monte, como em pequenas dunas, a areia daquele deserto, entre qual se viam algumas folhas de sepultados matagais.

Hoppe e o seu ajudante correram imediatamente para o desconhecido. Mas quando lá chegaram, já ele se tinha sentado pelo seu próprio esforço. A areia amortizara o choque



e só uma das espinhosas ramas marcara, com uma arranhadela, as faces do atrevido.

— Maguou-se? — perguntaram-lhe ansiosamente.

— Boa noite, mr. Hoppe — respondeu o interpelado. — Sinto-me muito bem e tenho o maior prazer em cumprimentá-lo assim como a mister Harrison. Assistiram à luta? O pobre *titanic* não aguentava mais um round. Estava rogo. Mas não era possível consentir que nos vencesse o «Bekkers».

Tinha-se levantado e sacudia a areia do feto de macaco. Era um rapaz novo, de cara rapada, que, ao levantar o *bonnet*, excessivamente encafuado pelo trambalhão que dera sobre a areia, mostrou umas mãos largas e enegrecidas, calejadas e duras, de trabalhador.

— O senhor quem é? — perguntou Hoppe.

— Joe Wilpe, sir; operário retificador da sua fábrica, onde estaria agora muito melhor que aqui. Palavra de honra! Quando os nossos carros se lembraram desta travessura encontrava-me dentro dum deles e vim até ao Hartz, bem contra minha vontade, porque não ia cair na asneira de me lançar para o meio daquele exército em marcha...

Informou brevemente. Encaixotado no seu automóvel, entre as compactas filas, teve que se resignar a seguir nele. Já na planície, quis tomar a direcção do veículo e regressar à cidade; mas o veículo não lhe obedecia. Deixou-se, pois, levar e trazer, em fantástica velocidade, entre os restantes automóveis, primeiro porque se deixou vencer pela curiosidade de ver em que terminava o singular fenómeno, e depois porque se lembrou que não havia uma povoação tão próxima que pudesse lá chegar a pé, e que sempre estaria melhor sobre os brandos estofos do carro, do que exposto às frias rajadas do Hartz.

Harrison gritou naquela altura:

— Olhe para ali, Hoppe. Que diabo faz o *titanic*?

Em contacto com o seu imóvel inimigo, o tractor desentrolara o seu aspirador metálico e introduzia-o entre as peças do estillagado motor do auto-tanque. O industrial e os seus companheiros não puderam, assim de pronto, comprehender o significado daquella estranha

atitude. Com efeito, o tubo flexível com que o tractor inspecionava as vísceras de aço do seu inimigo só servia para absorver e acumular com forte pressão no occulto depósito a quantidade de *dinamic* precisa para o movimento do carro. Joe Wilpe exclamou, depois de observar a rara scena:

— É bem simples. É o nosso tractor que se nutre. Levamos os carros para a Exposição com escassa quantidade de substância motriz e ele aproveita a que o «Bekkers» ainda conserva no depósito.

— Quere dizer, que o está devorando — corroborou Harrison.

— Realmente, assim é. Como lobo que devora lobo.

— Ou insecto que devora insecto — opinou Hoppe. — Mas continuemos as nossas pesquisas, Jasper. Tudo isto aumenta-me o receio pela sorte de Lizzie.

O moço operário afirmou:

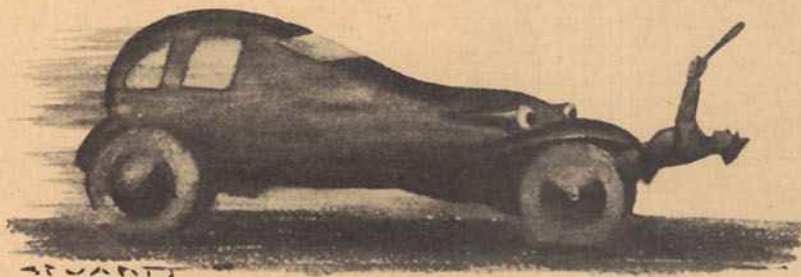
— Miss Lizzie está aqui. Via-a no seu torpedado amarelo.

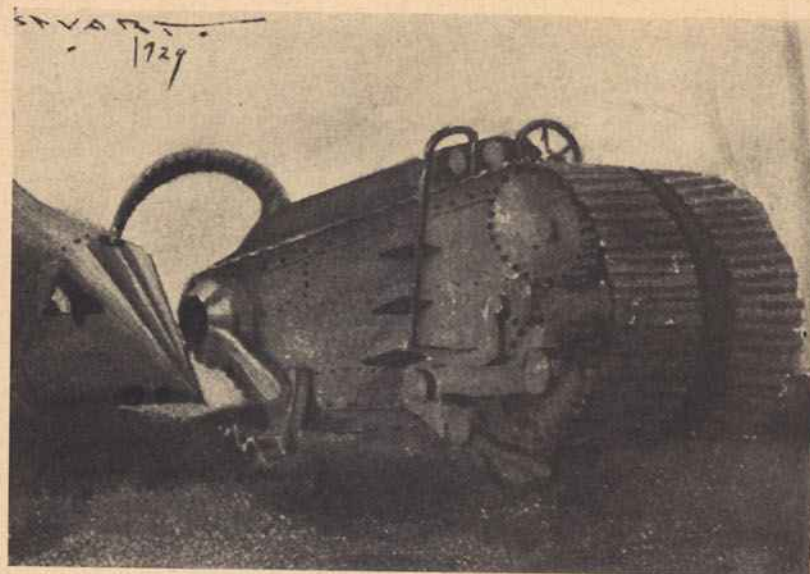
Acossado pelas perguntas do fabricante, narrou o pouco que sabia a respeito da rapariga. Numa das caprichosas corridas do automóvel que a levava ao Hartz, passou ao lado de Lizzie. Conheceu aquelle pequeno e gracioso brinquedo que toda a cidade estava habituada a ver passar com a juvenil e loira beleza da rapariga, e ponde ver também que a filha do seu chefe ia nele, talvez um tanto desorientada, com as finas sobrancelhas mais arqueadas no assetinado da testa, mas tranqüilla e dona de si. Tinha-a visto perfeitamente, porque o carro era aberto e a graciosa figura de Lizzie mostrava-se em toda a sua linha, deitada para trás no seu assento,

com os braços cruzados sobre o peito e um tanto apertados os lábios fortemente tingidos de carmin. Ao passar, o Joe deitou a cabeça para fóra da janela e chamou-a, gritando. Ela voltou-se surpreendida; mas já se tinha distanciado novamente. Meia hora depois tornaram a encontrar-se, e ainda seguiram próximos um do outro alguns momentos. Mas o Joe notara qualquer coisa que lhe recomendava prudência. Previu então a pequena do grave perigo a que se expunha se abandonasse o carro e aconselhou-a a que não se movesse d'ele senão em condições especialmente favoráveis! Depois, viram-se separados pelo capricho dos carros que os levavam e não voltou a distingui-la entre aquella barafunda estonteadora.

— Mas afinal o que viu você antes de encontrar a Lizzie pela segunda vez?

— Posso-lhe assegurar que não foi nada que deseje tornar a ver, mister Hoppe — respondeu Wilpe. Imagine que o pobre Tom Klaes estava hoje de serviço nas proximidades da Exposição, para regular o trânsito. Era um excelente homem, que eu conhecia muito bem, porque nascemos no mesmo condado. O meu carro foi, como os senhores sabem, um dos primeiros a abandonar o local do «Automóvel-House» e quando atravessei a explanada, fazendo desesperados esforços para o conter, vi o Tom que brandia a sua batuta branca, fazendo soar constantemente o apito, correndo dum lado para o outro, num absurdo afan de dominar aquella invasão desordenada de automóveis. Julgo que ainda não se tinha capacitado bem da gravidade do caso, o que, afinal de contas, se dava com todos nós. Viu-me passar por diante d'ele e gritou: «Mete pela direita, Joe!» Eu, naturalmente, não lhe podia obedecer. Então ele vociferou: «Olha que te multo, Joe; já estás prevenido!» Ignoro o que fez depois; mas sei que teve a triste idea de montar numa bicicleta do serviço policial, deitando a correr atrás desta turba de seres infernaes. Meteu-se no centro da planície. Ignoro o seu objectivo; mas o certo é que quando eu o vi, já elle tinha desmontado. Naquelle momento já bastante tinha que fazer pensando na salvação da sua existência, porque já andava perseguido pelo «Stull» de 40 cavalos, de Mr. Sterling. O pobre Tom corria e saltava, esquivando e ziguezaga-





mento do Tom, supponho que, excitado pelo espectáculo, buscou por sua conta um meio de satisfazer a sua ânsia de sangue. Miss Lizzie deixava-se vêr muito no seu carro. Ela e eu éramos os únicos seres humanos, morto o meu pobre amigo, que restávamos na planície.

— Então?... — perguntou o fabricante, detendo-se, recando que Wilpe lhe ocultasse qualquer coisa ainda mais terrível.

— Estou convencido que não sucederá nada, mister Hoppe; creia — apressou-se a explicar o moço. — O autobus era um cangalho ingente, sem a agilidade do torpedo, habituado a andar à velocidade que as leis municipais determinam. É um carro gordo, hipócrita, burguês e tradicionalista. Ia jurar que não lhe passa pela cabeça que pode correr mais do que até aqui tem corrido. O torpedo pode indubriá-lo muito bem. Poderemos encontrar Miss Lizzie sã e salva.

gucando sem cessar. Já devia ter compreendido que estava metido num mau negócio, e sabia, sem sombra de dúvida, que o «Stull» o perseguia com um propósito sinistro.

— Não posso acreditar numa história tão absurda! — interrompeu Mr. Hoppe, colérico. — O que já vimos, por si só, já é bastante ilógico; mas nego-me a admitir que um automóvel possa perseguir um homem como se fôsse uma fera. Não; não o admitirei nunca.

— Bom, «sir» — respondem o jovem tranquilamente. — Queira Deus que não o experimenteis vós. Permita-me só que lhe diga que o infeliz Tom não poderia nunca testemunhar as minhas palavras porque o seu corpo não é senão uma massa sangrenta no meio da planície, e se alguma coisa dêle resta, está aqui no meu bolso: a branca batuta com que dirigia a circulação. Sei que sua mãe a guardará como uma dolorosa e querida recordação, e, por isso, apoderei-me dela ao vê-la abandonada na areia. Ah, mas se o meu chefe conhecesse a história de Mr. Sterling não se admiraria tanto?

— Que sucedeu a mister Sterling?

— Nada de importante, que faça reclamar para ele um posto entre os grandes homens. E, no entanto, para qualquer desses assíduos leitores da secção de sucessos dos jornais, é mais conhecido que Washington. Não há no mundo um «chauffeur» pior que ele, e não se passou um só dia desde que comprou o primeiro automóvel, sem que, por sua culpa, não vestisse de luto uma família. Só ele atropelou tanta gente como metade dos «chauffeurs» da cidade; entrou pelas vitrines dentro, varreu passeios, e na mesma tarde em que estreou o seu «Peugeot», 200 cavalos, derribou tantos lampeões como árvores pode arrancar um ciclone num bosque. Enfim, «sir», mister Sterling adquiriu tão terrível prática que, pelo salto que dá o automóvel so-

bre o obstáculo e por outros detalhes que a sua educada sensibilidade recolhe, sabe, sem olhar para o chão, se atropelou uma criança ou um velho, um homem ou uma mulher. E esta ciência não se aprende sem muitas observações. Os que conhecem bem Mr. Sterling dizem que não se engana nunca. Tive que lhe pintar o carro de vermelho para que não ressaltassem as manchas de sangue. E eu penso agora, Mr. Hoppe, que não seria de estranhar que o «Stull» estivesse viciado nesse abominável costume.

— Dizem — interveiu pensativamente Harrison — que os tigres que uma vez provaram sangue humano não gostam doutro manjar.

— Era vêr um tigre vêr o «Stull» assanhado contra o infeliz Tom — afirmou Joe. — Derribou-o primeiro e passou-lhe depois por cima dez, vinte, duzentas vezes. E o próprio autobus do Colégio de Santa Teresa...

— Também tem história?

— Não tão abundante, mas se o vir algum dia meter pela rua por onde o senhor transite, não fará mal em subir ao telhado da casa mais próxima. Levava e trazia as meninas do Colégio aos seus domicílios, e, no caminho, era rara a vez que não laminasse alguém. Isto dava origem a muitos desgostos, porque, ao princípio, as crianças impressionavam-se profundamente; mas, depois, já choravam se o atropelado não fôsse a própria pessoa que elas designavam ao «chauffeur».

Enquanto o Wilpe lhes dava a conhecer estas interessantes notícias, seguiram ladando o planalto para se aproximarem do lugar onde maior era o número de automóveis. O mecânico continuou, após uma breve vacilação:

— Era precisamente esse o autobus que perseguia o torpedo de Miss Lizzie. Como o «Stull» não o deixou participar no esmagamento





vêr-se a silhueta de Lizzie, debruçada sobre o volante, como se dormisse. O industrial chamou-a com um poderoso grito que naufragou entre o estrepito dos klaxons. Lizzie não se moveu. Acossado por tristes pensamentos, Hoppe lançou-se na direcção do torpedo. Os seus companheiros também correram, mais em auxílio seu que no da rapariga, mas nem o próprio Wilpe, que era agíllissimo, pôde dar alcance ao seu chefe. Vários carros, lançados em frenéticas corridas, separaram-nos e houve um momento em que o gordo Harrison, perdido num remoinho de automóveis se deteve, olhando ansiosamente em torno, e pensando com angústia no trágico fim do guarda Klaes.

Hoppe conseguira chegar junto do torpedo amarelo. Se lhe perguntassem, não saberia dizer como esquivou os inúmeros carros que se lhe atravessaram no caminho, velozes como balas. Chegou e, à sua voz, a rapariga ergueu-se e mostrou o rosto ainda mais formoso com a alegre surpresa daquele socorro. Mas nesse momento, o torpedo arrancou, enfiando a sua silhueta aguçada por entre os carros que o circundavam, e afastou-se. Tanto o industrial como Joe puderam verificar que a rapariga manejava o volante e os travões; mas sem conseguir dominar a direcção do aparelho. Partiu e perdeu-se entre outros carros, fundido naquele tropel.

Foi então quando Harrison pôde chegar, cedo, ao lado dos seus amigos. Aconselhou uma espera num sítio seguro, agora que sabiam que Lizzie não tinha sofrido nada; mas Hoppe negou-se concisamente, e meteu na mesma direcção do torpedo. Joe e o

engenheiro, silenciosos, iam-lhe na penada.

De súbito, um grito levantou-se nas suas costas. O torpedo traçara um amplo círculo, regressando ao ponto de partida. Passou sem parar. Lizzie estendeu os braços para eles...

O carro não podia desenvolver tóda a sua velocidade naquele lugar, que a presença doutros veículos tornava dificultosa; mas o seu andamento não era tão lento que permitisse à rapariga saltar para fora, sem grave risco. Na mente de Harrison formulou-se a ideia de que, nas condições em que se encontravam, seria mais fácil que daquela perseguição resultasse a morte dos três, sob as rodas de algum daqueles automóveis, que o resgate da pequena. Talvez o Joe fôsse da mesma opinião. Quanto a mister Hoppe, puzera um joelho em terra e, com o braço apoiado nêle, apontava a pistola ao carro amarelo, a cara contraída num gesto de violenta atração. Três segundos... E o tiro soou, breve, seco e sibilante.

— Guau! — fez o carro, levantando uma roda.

— É nosso, é nosso! — clamou Harrison, correndo para êle com tóda a velocidade que a barriga lhe permitia.

Mas o Joe agarrou-o pelo casaco, a tempo de evitar o seu esmagamento. O autobus do Colégio de Santa Teresa aproximava-se, negro, envernizado, interminável, grande como a sala dum cinema, com a sua série de assentos forrados de gutapercha, pesado e circunspecto, no mesmo passo lento com que conduzia as crianças a casa. O torpedo amarelo sacudia convulsivamente a roda ferida, sem se mexer do sítio. Os três homens viram que Lizzie descia e corria para êles. O auto-

bus desviou-se ostensivamente na direcção da rapariga. Trinta metros... vinte... cinco... Harrison tapou a cara para não vêr. A imensa mole já tocava quasi o corpo da rapariga. E então, voando sobre o arenoso solo, chegou Joe. As luzes do autobus inundaram-no de claridade. Iria também morrer no tardio empenho de salvar a rapariga? Imóvel perante o gordo veículo, firme sobre os seus pés, Wilpe levantou autoritariamente a mão que segurava a branca batuta com que o defunto Tom regulara durante vários anos o trânsito nas ruas da populosa cidade.

E o autobus do Colégio de Santa Teresa, obediente às leis e burguês, parou de choíre.

.....

Pouco depois, enquanto, sentados em lugar seguro, Hoppe e Harrison ouviam a cristalina voz de Lizzie, que relatava a sua aventura, o Joe examinava o destroço causado pelo projectil no carro amarelo. Um subtil arame cortado pela bala, invalidava aquele sensível mecanismo no que nada faltava nem nada sobrava. Obediente ao impulso do seu officio, Joe estabeleceu a conexão preciosa, fechou a prancha que abria para estudar a avaria, e foi juntar-se com os seus companheiros. Mas, antes de dar o primeiro passo, sentiu uma leve paucada na mão direita. A agulha prôa do torpedo — espécie de focinho de peixe — estendia-se para êle, grata e submissa.

Depois, o carro seguiu-o e foi-o esperar para a margem da planície.

.....

Leitor: afflige-me a ideia de que me retires a estima que, porventura, possas sentir por mim, desconfiando, perante este indício, que me dedico a alinhar fantasias delirantes acérea do que há de suceder daqui a um milénio.

Não; o certo é que eu nada sei. E mais certo ainda é que não me importa nada. Nem sequer cõro detrás dêsse mistério tão próximo — mas tão hermético — que se chama o «dia de amanhã». Resigno-me com saborear os sucessivos segundos do presente, que é, afinal de contas, a única forma que nos permite viver a vida.

Mas eu atravessei ontem a praça da Cibelles, a pé, talvez às sete, talvez às sete e meia. E puz-me depois a escrever. E na minha imaginação não havia senão fragmentos de pesadêlos, onde todos os personagens eram automóveis de olhos acêcos, iracundos e clamorosos, animados duma vida própria e real, ansiosos de sangue humano.

Foi uma imprudência, e... o resultado é este. Claro está que não tornarei a caír noutra...

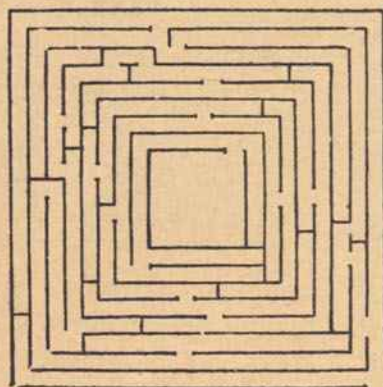
FIM

(Exclusivo da tradução portuguesa para a illustração)



Passatempo

LABIRINTO



■ ■

Ela: — Há uma hora que estou a querer vêr se tenho ocasião de lhe roubar um beijo.

Ela: — Sim? Talvez seja melhor eu dar-lhe um bilhete de meu irmão.

Ele: — Como? O que quer dizer?

Ela: — É que ele é oculista.

■ ■

Um casal inglês, da provincia, de passeio em Londres, foi a uma galeria de quadros e deu lá com um quadro representando Adão e Eva.

A mulher indignada exclama:

— Olha, esta atrevida sem vergonha. Quem é ela?

O marido procura no catálogo mas enganase no número e lê em voz alta: «A rainha Isabel recebendo o embaixador espanhol».

■ ■

— É para casar que vocemcê nos deixa, Francisca?

— Ah! não é; eu, depois que vim para casa do senhor e da senhora desgostei-me por completo da vida de casada!...

■ ■

Uma senhora de amplas dimensões ia sentada num eléctrico ao lado de um rapazinho. Todos os outros lugares estavam ocupados. Numa certa paragem entraram mais quatro senhoras, as quais ficaram todas de pé na plataforma.

A senhora gorda vira-se para o rapazinho e diz-lhe: — Porque é que o menino se não levanta e deixa sentar aí uma daquelas senhoras?

— Porque é que a senhora se não levanta e as deixa sentar todas quatro? — foi a resposta immediata.

MERCENARISMO

— Mãesinha — disse a Nini com toda a seriedade — quero casar com o Riquito.

— Queres, meu amor? Então porquê? — perguntou-lhe a mãe.

— Porque o tio dêle lhe deu agora mesmo cinco escudos.

■ ■

O ARCO DUPLO E O ANEL

(Solução)

Dobrem-se os dois arcos ao mesmo tempo, de modo que um cruze parcialmente o outro, como a figura está mostrando. Coloca-se o



anel entre as duas juntas, puxa-se depois para baixo sobre os dois arames interiores, e a paciência está feita.

■ ■

Ela: — Com certeza me julga mais velha do que realmente sou.

Ele: — De nenhum modo. Estou certo que não é tão velha como parece.



Ela: — Porque não podes dar-me um casaco de pelos, de presente, este Natal?
Ele: — O minha querida, mas é que nós temos de pensar no futuro e não no presente!

QUE ANIMAL É?

(Problema)



Não é um animal antediluviano aquele que os leitores são convidados a procurar. Trata-se, simplesmente, de um paquidorme muito conhecido, e além disso, muito simpático, pelos seus bons costumes.

Para o encontrar, na figura junta, recortem-se os bocadinhos brancos da figura que está à esquerda do rectângulo e coloquem-se, depois, sobre este, de uma certa maneira, para que aparea, em preto, o animal que se procura.

■ ■

ERA CONFORME

Entre colegas:

— Achas muito tempo, um mês?

— Um mês de escola ou um mês de férias?

■ ■

O marido: — Ó filha, estas geleias, cá para mim, parece que têm todas o mesmo gosto.

A mulher: — Mas pode conhecer-se a diferença pelos rótulos dos boiões.

O marido: — Talvez. Nunca me lembrei de provar os rótulos.

■ ■

O visitante: — A senhora está?

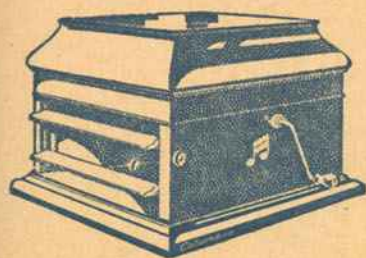
A criada: — Não senhor.

— Nesse caso, aqui fica o meu cartão para ela saber quem veio visitá-la.

— Ah! não é preciso, que ela bem viu o senhor, lá de cima, da janela.

■ ■

A verdade do provérbio que «ninguém é profeta na sua terra» demonstrou-a a mulher de Wagner, quando a seguir à produção do *Lehengrin* e do *Tannhäuser* perguntou a F. Prager, biógrafo de seu marido: — Diga-me francamente, considera assim o Ricardo um tão grande compositor?



SENDO O MELHOR GRAMOFONE

RECOMENDAMOS PARA OUVIR



A

NOSSA EXPERIENCIA está á vossa disposição para a escolha do modelo adequado a V. Ex.^ª

O «VIVA TONAL» COLUMBIA 1929 é o melhor gramofone que se conhece. Esta afirmação é baseada nas opiniões de eminentes musicos e peritos. Não encontrará melhor por muito dinheiro que deseje gastar.

Convidamo-lo a OUVIR uma GRAFONOLA COLUMBIA SEM QUALQUER OBRIGAÇÃO.

Os nossos revendedores estão á vossa disposição assim como os

COLUMBIAS PORTATEIS

Desde Esc. 750\$00 a 1.800\$00

MODELOS DE MESA

Desde Esc. 1.650\$00 a 1.800\$00

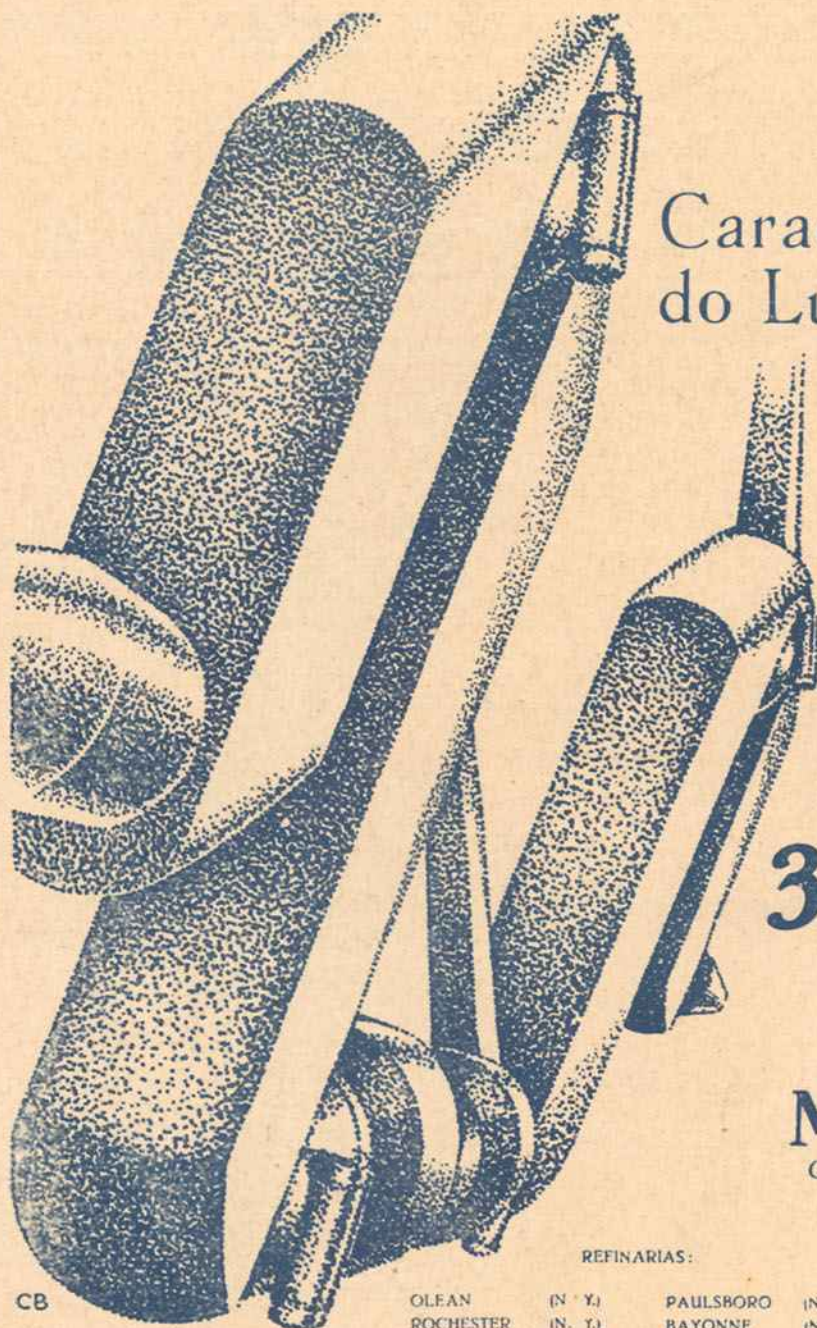
OUTROS MODELOS

Desde Esc. 2.400\$00 a 5.500\$00

AGENTES GERAES

P. SANTOS & C.^A L.^{DA}

Rua Garrett, 57-59-61



3 Características do Lubrificante Racional.

1 Propriedades lubrificantes **naturais** provenientes dos petróleos brutos donde é extraído.

2 Refinação **perfeitamente cuidada** e levada a efeito por especialistas **com longos anos de prática.**

3 **Exactidão** com que o óleo satisfaz às **necessidades mecânicas de cada tipo** de motor



Mobiloil

*Guie-se pela nossa Tabela
de Recomendações*

REFINARIAS:

CB

OLEAN
ROCHESTER

(N. Y.)
(N. Y.)

PAULSBORO
BAYONNE

(N. J.)
(N. J.)

92% dos fabricantes americanos aprovam Mobiloil

377

MOBILLOIL

VACUUM OIL COMPANY